

OMIS TE RIO DA SEXUAÇÃO

CONVIDADA:

LÍGIA GORINI
ECF/AMP

COLETÂNEA Nº 3

23 e 24 de setembro de 2022

Local: Aliança Francesa - Brasília (DF)

Modo: híbrido (presencial e remoto)

COMISSÃO CIENTÍFICA: CARTEL, COMPOSTO POR: ARY FARIAS - EBP/AMP, BARTYRA RIBEIRO DE CASTRO - EBP/AMP, CRISTIANO PIMENTA - EBP/AMP, ELISA ALVARENGA - EBP/AMP, LÍGIA GORINI - ECF/AMP (MAIS-UM) E RÔMULO FERREIRA DA SILVA - EBP/AMP

COORDENAÇÃO GERAL:

BARTYRA RIBEIRO DE CASTRO
EBP/AMP

COLETÂNEA Nº 3

III JORNADAS EBP SEÇÃO LESTE-OESTE

O MIS TE RIO DA SEXUAÇÃO

2022



*Escola Brasileira
de Psicanálise*
Seção Leste-Oeste

COLETÂNEA N. 2

TEMA: O MISTÉRIO DA SEXUAÇÃO

DATA: 23 E 24 DE SETEMBRO DE 2022

LOCAL: ALIANÇA FRANCESA – BRASÍLIA-DF

MODO: HÍBRIDO – PRESENCIAL E REMOTO

COORDENAÇÃO GERAL

Bartyra Ribeiro de Castro

CONVIDADA:

Lígia Gorini (ECF)

COMISSÃO CIENTÍFICA:

CARTEL :

Ary Farias – EBP/AMP

Bartyra Ribeiro de Castro – EBP/AMP

Cristiano Pimenta – EBP/AMP

Elisa Alvarenga – AME/EBP/AMP

Lígia Gorini (+1) – ECF/AMP

Rômulo Ferreira da Silva – AME/EBP/AMP

DIRETORIA GERAL DA EBP-LO

Rômulo Ferreira da Silva

Diretor Geral

Ordália Alves Junqueira

Diretora Secretária-Tesoureira

Bartyra Ribeiro de Castro

Diretora de Biblioteca

Ary Farias

Diretor de Cartéis e Intercâmbio

CONSELHO DA EBP-LO

Renato Carlos Vieira – Presidente

Elisa Alvarenga

Alberto Murta – Secretário

Cristiano Alves Pimenta

Fábio Paes Barreto

Tânia Regina Anchite Martins

TESOURARIA

COORDENAÇÃO:

ORDÁLIA JUNQUEIRA – EBP/AMP

DENIZYÊ ZACHARIAS – EBP/AMP

BOLETIM

COORDENAÇÃO:

RENATA TAVARES IMPERIAL – VITÓRIA/ES

ANA PAULA FERNANDES REZENDE – GOIÂNIA/GO

HITALA GOMES – VITÓRIA /ES

JAQUELINE COELHO – GOIÂNIA/GO

JULIANA BRESSANELI – VITÓRIA /ES

LUCAS FRAGA GOMES – VITÓRIA /ES

ROSÂNGELA RIBEIRO – GOIÂNIA/GO

SIMONE SOUZA VIEIRA – VITÓRIA /ES

TIAGO BARBOSA – BRASÍLIA/DF

DIVULGAÇÃO

COORDENAÇÃO:

CRISTINA ALVES – GOIÂNIA/GO

AMANDA VARGAS – CAMPO GRANDE/MS

CARLA SERLES – EBP/AMP

GABRIEL CAIXETA – BRASÍLIA/DF

GEANINE LUCAS VIEIRA – BRASÍLIA/DF

LETÍCIA FERREIRA BRAGA – GOIÂNIA/GO

ASSESSORIA: BRUNO SENNA

LIVRARIA

COORDENAÇÃO:

GIOVANNA QUAGLIA – BRASÍLIA – EBP/ AMP

CO-COORDENADORA

GIOVANA BESSA BORGES HEINEMANN

ADRIANO MOREIRA – VITÓRIA /ES

DANIEL RANCAN – BRASÍLIA / DF

GIOVANA BESSA BORGES HEINEMANN – GOIÂNIA /GO

GIZE DE BESSA CATARINELI – CAMPO GRANDE / MS

RANDRA GONDOUIN – VITÓRIA/ES

ROZILENE MARTINS – BRASÍLIA /GO

INFRAESTRUTURA

COORDENAÇÃO:

LUCIANA SILVA PEDRON – BRASÍLIA/DF

CARLOS ALBERTO DE SÁ BARROS JUNIOR-GOIÂNIA/GO

CAROLINE CABRAL QUIXABEIRA – GOIÂNIA/GO

DANIEL RANCAN – BRASÍLIA/DF

GABRIEL CAIXETA – BRASÍLIA/DF

GABRIELA MACHADO-GOIÂNIA/GO

GERLANE MELO- BRASÍLIA/DF

ISÂNGELA LINS ALMEIDA – CAMPO GRANDE/MS

JULIANA MELO PRADO – ANÁPOLIS/GO

LEONORA ARRUDA- GOIÂNIA- GO

LETÍCIA ROSA – CAMPO GRANDE/MS

MELISSA FUKUCHI – BRASÍLIA/DF

RAFAELA VIEIRA OLIVEIRA/ GOIÂNIA/GO

RODRIGO OLIVEIRA – GOIÂNIA/GO

PROJETO GRÁFICO E EDITORAÇÃO

BRUNO SENNA

CAPA

ARTISTA: TAIGO MEIRELES | OBRA:

BEATRIZ NO CÍRCULO DA LUXÚRIA | GIZ PASTEL SECO

SOBRE PAPEL, 2011

secretariaebpslo@gmail.com

SSGAS 910 - MIX PARK SUL

Conjunto B - Bloco E - Sala 119

ASA SUL - CEP 70.390-100

SUMÁRIO

- 8 **ARGUMENTO DAS III JORNADAS DA EBP-LO**
Bartyra Ribeiro de Castro
EBP/AMP - Coordenadora das III JORNADAS DA EBP-LO
- 10 **EIXOS TEMÁTICOS**
- 11 **EIXO I – A SEXUALIDADE EM FREUD**
Ary Farias - EBP/AMP
- 12 **EIXO II – PARCERIAS SINTOMÁTICAS**
Cristiano Pimenta
EBP/AMP
- 14 **EIXO III – O SEXO NA PSICOSE**
Romulo Ferreira da Silva
AME/AMP
- 15 **EIXO IV – FÓRMULAS DA SEXUAÇÃO**
Elisa Alvarenga
AME/AMP
- 16 **BIBLIOGRAFIA SUGERIDA**
- 18 **PROGRAMA**
- 21 **PLENÁRIA 1**
Coordenação – Elisa Alvarenga (AME-EBP/AMP)
- 22 **A SOLUÇÃO ASSINTÓTICA DA SEXUAÇÃO**
Luís Francisco Camargo
EBP/AMP
- 25 **FEMALE TRANSFORMATION: O MISTÉRIO DO GOZO FEMININO**
Renata Tavares Imperial
- 28 **MESAS SIMULTÂNEAS**
- MESA 1 - INFÂNCIA: CLÍNICA E RELATO**
 Coordenação – Ruskaya Maia (EBP/AMP)
- 29 **BRINCADEIRAS SEXUAIS INFANTIS**
Claudia Murta
(EBP/AMP)

- 32 CRIANÇAS EM ANÁLISE? O LUGAR DA CRIANÇA NO
TRATAMENTO PSICANALÍTICO
Hítala Gomes

MESA 2 - DA FOBIA À PROCRASTINAÇÃO

Coordenação – Paulo Sérgio Silva

- 36 COMPREENDER NÃO É SABER: PROCRASTINAÇÃO,
SÍNDROME DO IMPOSTOR E OUTRO SEXO
Lucas Gomes

- 39 MISTÉRIO OU TRAUMATISMO?
*Tânia Regina Anchite Martins
(EBP/AMP)*

MESA 3 - UM SABER FAZER COM O GOZO SINTOMÁTICO

Coordenação – Ordalia Junqueira (EBP/AMP)

- 43 NO RASTRO DO DELÍRIO: O QUE QUER DIZER O MENTAL?
Janayna Araujo Costa Pinheiro

- 46 A CRIANÇA DO OLHO
*Renato Carlos Vieira
(EBP/AMP)*

MESA 4 - MODOS DE GOZO NAS PARCERIAS

Coordenação – Juliana Bressanelli

- 51 O GOZO FÁLICO E O GOZO FEMININO ENQUANTO EX-SISTENTES
Rodrigo Oliveira dos Santos

MESA 5 - O EVENTO SEXUAL NA CONSTRUÇÃO DE UM CORPO

Coordenação - Fábio Paes Barreto (EBP/AMP)

- 55 O CORPO ROUBADO NA PSICOSE
Fabiana Engel Fratari

- 58 UM SEXO SEM A REGULAMENTAÇÃO FÁLICA
Mário Batista S. Neto

MESA 6 - A PSICOSE ORDINÁRIA E O SEXO

Coordenação – Tania Mara Alves Prates

- 62 O HOR-SEXE COMO ÍNDICE DE LEITURA DA PSICOSE
Juliana Prado

- 65 A FORACLUSÃO E SEUS DESTINOS: NO AMOR E NO SEXO
Henrique Alves Lopes

MESA 7 - A SEXUAÇÃO X A SUSTENTAÇÃO DE UM CORPO PELA PARCERIA SEXUAL

Coordenação – Waléria Paixão

- 69 **UM ABISMO RADICAL**
Denizye Aleksandra Zacharias
(EBP/AMP)

MESA 8 - O GOZO FEMININO BEM DITO

Coordenação – Carla Serles (EBP/AMP)

- 73 **SEXUAÇÃO E O GOZO FEMININO - NA MULHER**
Ceres Rúbio
- 76 **BEM DIZER O FEMININO: DO QUE EX-SISTE NO CORPO**
Delza Eloy de Santana Gonçalves

MESA 9 - OS IMPASSES DA SEXUAÇÃO

Coordenação - Giovanna Quaglia (EBP/AMP)

- 80 **SEMBLANTES E O NÃO-TODA.**
Adriana Gomes Pessoa
- 83 **A ADOLESCÊNCIA E OS IMPASSES NA ELEIÇÃO DO SEXO: O QUE EU INVENTO PARA AQUILO QUE EU NÃO POSSO DIZER?**
Luciana da Silva Pedron

86 PLENÁRIA 2

Coordenação – Romulo Ferreira da Silva (AMP-EBP/AMP)

- 87 **A SEXUAÇÃO FEMININA E O GOZO ALUCINATÓRIO**
Cristiano Alves Pimenta
(EBP/AMP)

90 TUTORIAL DE ACESSO

SALAS SIMULTÂNEAS

- 91 **TUTORIAL DE ACESSO**

ARGUMENTO DAS III JORNADAS DA EBP-LO

Bartyra Ribeiro de Castro
EBP/AMP - Coordenadora das III JORNADAS DA EBP-LO

É um-a-um. É singular e é plural.

É como eu vivo. É como você vive. É como ele vive (ou não vive).

Ser ou ter o falo?

Todo ou não-todo fálico?

Sexuação, gozo e real.

Assexuado?

Quanto mais modos de gozo, mais gêneros¹.

A sexualidade, em Freud, é perversa e polimorfa. Não visa a reprodução, mas a satisfação da pulsão. É assim já nos Três Ensaio e nas Teorias Sexuais Infantis. Desdobra-se em Totem e Tabu e se afirma no Édipo. Está na origem das neuroses.

Em Lacan, é sexuação. É buraco no real. Não necessariamente psicopatológica, mas subjetiva, original, não fora da cultura. É sintomática.

Lacan toma o Édipo freudiano em três momentos de seu ensino: como metáfora paterna, nos quatro discursos e nas fórmulas quânticas. Lacan parte do pai morto para chegar ao pai vivo e encarnado, de RSI. Do pai orangotango gozador, ao do desejo que não é anônimo, ao que tem direito ao amor e ao respeito de seus filhos quando toma uma mulher como seu objeto de desejo, não de gozo; e é capaz de transmitir a castração e o desejo aos seus descendentes. Do Nome-do-pai à pluralidade dos Nomes-do-pai.

Se Freud estabelece uma relação entre Totem e Tabu e Édipo dizendo que ambos têm a mesma estrutura, onde há homens como sujeitos do mito e mulheres como objetos de gozo²;

1 Miller J.-A., Entrevista com E. Marty, in <https://www.dropbox.com/s/u5erun9mxd7wkjd/ENTREVISTA%20sobre%20Le%20sexe%20des%20Modernes.pdf?dl=0>

2 Soria, N. A sexuação em questão, ... p.

Lacan a toma e a coloca como base de suas fórmulas quânticas, para partir da exceção e chegar ao universal do lado Homem. Tão em questão na contemporaneidade.

O ao menos um sobre o qual não incide a lei rege a lógica que marca o lugar do sujeito junto ao falo e remete o objeto de gozo para o lado Mulher.

Desde Complexos familiares, os Seminários 4, 5, 17, 20...; de Hans a Joyce, passando pela Significação do falo, Lacan vai questionar, como o enigma de Diretrizes para um congresso sobre a sexualidade feminina, o estatuto real da sexuação, que permanece um mistério. Miller nos lembra que o mistério “é o que resulta do domínio do simbólico sobre o corpo”³, “da união da fala com o corpo”⁴.

O MISTÉRIO DA SEXUAÇÃO

Este é o tema das III JORNADAS DA EPB-LO, que acontecerão a partir de nossa sede, em Brasília, na Aliança Francesa, nos dias 23 e 24 de setembro de 2022, de forma híbrida - presencial e virtualmente. Ligia Gorini (ECF/AMP) é a nossa convidada este ano.

Se, em 2021, falamos de todas as formas de amor possíveis de se dizer algo, em 22, vamos falar de sexuação. Do amor que vela ao real da sexualidade. Do fazer com a impossibilidade radical. Das formas, Homem e Mulher, do falassem se colocar, de falhar, frente ao real da relação sexual que não existe. Este real, “mistério do corpo falante”⁵, mais além do gênero e do anatômico, que estabelece, via Lacan, dois campos – um do desejo, outro do gozo. O primeiro, aponta para o desencontro; o segundo, à solidão do Um⁶.

Se não há complementaridade entre os sexos, o que há é um modo de gozo para cada um. O que há são semblantes e mistério.

Assim sendo, estão todos convidados a discutir, a debater, a seguir, sem desvendá-lo.

³ Miller J.-A., O Inconsciente e o corpo falante. Scilicet *O Corpo Falante – Sobre o inconsciente no século XXI*, São Paulo, 2016, p.25.

⁴ Idem.

⁵ Lacan, J., O Seminário, Livro 20, Zahar Ed. Rio de Janeiro, 1982, p. 178.

⁶ Bayón P.A., *Género semblante – género real*, in <https://zadigespana.com/2022/02/02/genero-semblante-genero-real/?fbclid=IwAR3U6OBGM8LbtmtowtWUPys88SM9Sj6RdzmLFhS0AJhioIwYisuyvBCdcSk>

EIXOS TEMÁTICOS

EIXO I – A SEXUALIDADE EM FREUD

Ary Farias - EBP/AMP

No alvorecer do século XX, Freud anunciava a Psicanálise enquanto prática de tratamento paralelo aos modos e preceitos praticados pela medicina da época.

Inaugurada pela mulher, a clínica psicanalítica logo derivou seu leitmotiv à questão da sexualidade.

Partindo de uma noção de sexualidade presente desde sempre, Freud promove a infância ao ponto de partida para a investigação e compreensão da sexualidade humana, bem como, por efeito, escandaliza o senso comum, à época, que preconizava a infância como um estágio ainda livre dos rumores do sexo e do corpo.

Ao romper com a blindagem angelical onde então repousava a infância, Freud não só anuncia a vigência da sexualidade infantil, como também descortina o modo como isso se efetua, ou seja, o corpo infantil como lugar mor de prazeres difusos, de desmesura sexual. É verdade, um gozo sem ainda as marcações efetivas da linguagem e da cultura, o que lhe confere (a esse gozo) uma expressão desordenada, toda vigente. Isso foi sintetizado na expressão “polimorfia sexual”, quando a pulsão ainda contava deveras desorientada, por isso “perversa”.

Freud acoplou ao seu método de investigação e tratamento, ao seu construto teórico, o conceito de falo — repercussão imaginária da diferença anatômica entre os sexos — e, da literatura mítica, importou da personagem de Édipo, acessórios conceituais que viriam a ser, mais tarde, os eixos da sustentação basal do edifício teórico psicanalítico, juntamente com os conceitos de inconsciente e castração.

De início, a psicanálise exigiu um esforço de artesanía conceitual.

Isso posto, podemos pensar que falo, complexo de Édipo, inconsciente e castração foram as roldanas nucleares forjadas por Freud, por onde se movimentam as cordas pulsionais que sustentam esse desequilíbrio estável que temos por tradição nominar como sexualidade.

Pela vastidão do que a realidade atual apresenta, isso, por si só, pede palavras esclarecidas...

EIXO II – PARCERIAS SINTOMÁTICAS

*Cristiano Pimenta
EBP/AMP*

O parceiro-sintoma é aquele a quem se tem algo a dizer, por estar, por assim dizer, atravessado na garganta, é o que vem das vísceras, o visceral. Fonte de um profundo desprazer e de um prazer intenso, o parceiro-sintoma é aquele que se tornou o “o impossível de suportar”⁷, ainda que dele seja, igualmente, impossível de separar-se. Assim, “o verdadeiro parceiro do falasser é o seu real, é o que resiste”⁸. O que a análise pode fazer aí?

É no nível das parcerias sintomáticas que se evidencia o que Lacan desenvolve em seu Seminário 20, mais ainda: a linguagem não se serve à comunicação, mas ao gozo do corpo. Cada palavra, pensada ou dita pelo falasser, vincula um gozo que afeta e perturba seu corpo e se estende “por toda parte”⁹ em sua vida. A noção de parceria sintomática está, assim, calçada numa perspectiva em que “o inconsciente é que o ser, falando, goza”¹⁰. Como poderíamos compreender essa mudança de perspectiva?

Essa perspectiva é a mesma que decorre da inexistência da relação sexual, que se traduz no fato de que os parceiros não se entendem, pois não há diálogo possível entre eles. O laço entre eles não se estrutura pelo discurso, mas pelo gozo sintomático que vem enodar um ao outro lá onde o significante falha em fazê-lo. Assim, “cada vez que se estabelece para alguém o que parece ser uma relação sexual, é, na verdade, uma relação sintomática”¹¹. Como se dá, na singularidade de cada um, o enodamento sintomático?

A noção de parceiro-sintoma foi proposta por Jacques-Alain Miller em seu Curso El partenaire-sintoma. Ela foi forjada para substituir a relação de desejo entre um sujeito e o Outro pela relação de gozo entre dois corpos vivos e sexuados. “Foi assim que propus o termo parceiro-sintoma como simétrico a parletre (falasser), destinado a substituir à parceria constituída pelo sujeito barrado e o Outro”¹². Aqui também perguntamos pelas consequências dessa mudança teórica.

7 Miller, J.-A., Certain problème de couple; in: cause freudienne.net

8 Miller, J.-A., Certain problème de couple; in: cause freudienne.net

9 Miller, J. -A., El partenaire-sintoma, Buenos Aires, Paidós, 2008, p. 397.

10 Idem, p. 128.

11 Miller, J.-A., L'invention du partenaire; in: cause freudienne.net

12 Miller, J.-A. El partenaire-sintoma; Paidós; 2008; Buenos Aires, p. 401.

O sujeito barrado pode se articular com um objeto na fantasia ($S/ \leftrightarrow a$), mas a parceria sintomática supõe um mais além de toda relação significativa, supõe dois corpos sexuados que se vinculam por meio do gozo sintomático:

Corpo sexuado do falasser $< \Sigma >$ Corpo sexuado do outro

A noção de parceiro-sintoma constitui, portanto, uma referência fundamental para pensarmos o “Mistério da Sexuação”, tema da próxima Jornada da Seção Leste-Oeste da EBP. Se o gozo sintomático é aquele que não pode ser curado, podemos, em nossas indagações, partir da ideia de que “fazer uma análise é cernir e liberar a maneira que cada um se deparou com o enigma sexual. É esclarecer o modo que o inconsciente interpretou este enigma e encontrar uma melhor maneira de fazer com ele”¹³.

13 Miller, J.-A., L'invention du partenaire; in: cause freudienne.net

EIXO III – O SEXO NA PSICOSE

Romulo Ferreira da Silva
AME/AMP

Há sexo nas psicoses, mas sempre ocorrem questões sobre a constituição da vida sexual nessa estrutura.

Se a forclusão do Nome-do-Pai (P0) não possibilita ao sujeito a incidência da significação fálica (Phi0), ele não se situa simbolicamente na partilha dos sexos, ou seja, no drama entre ser ou ter o falo. Na ausência dessa operação o objeto a não sofre extração. Como pensar a sexualidade nesses casos sem a conformação da fantasia fundamental?

A partir da não incidência do significante privilegiado que ordena a entrada do sujeito na linguagem, articulando a língua e laço social, observa-se a emergência de um gozo fora do limite fálico, gozo outro, apontado como o “empuxo à mulher”.

O gozo sexual se organiza a partir do imaginário, da experiência de um corpo sem referência ao falo, requerendo invenções singulares na constituição da vida sexual. É possível localizar o psicótico no quadro da sexuação de Lacan¹⁴?

É preciso levar em conta que avançamos muito nesse terreno e que a clínica se mostrou continuísta com o advento do “conceito” de psicose ordinária, proposto por Jacques-Alain Miller.

A quarta externalidade trabalhada por Miller¹⁵, que concerne à sexualidade, mantém a orientação de que é preciso buscar os pequenos sinais “de uma desordem provocada na junção mais íntima do sentimento de vida do sujeito”¹⁶, quando se trata de definir um diferencial estrutural.

Essa orientação nos remete a Freud, aos casos clássicos, no sentido de nos perguntarmos como é que o sexo advém nas psicoses.

14 LACAN, J. O Seminário, Livro 20: Mais, ainda. Rio de Janeiro. 1985

15 MILLER, J-A. Efeito do retorno à psicose ordinária (2009). In BATISTA, M.C.D.; LAIA, S. (Orgs.) A Psicose Ordinária: a Convenção de Antibes. Belo Horizonte. Scriptum. 2012.

16 LACAN, J. (1998[1955-1956]) “De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose”. In: Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

EIXO IV – FÓRMULAS DA SEXUAÇÃO

Elisa Alvarenga
AME/AMP

Lacan recorre a escrituras lógicas para explicar como se dá a sexualização¹⁷, a partir da função fálica, Φx , situando os que se dizem homens no regime dessa função: para todo x , Φx , tendo no horizonte ao menos um que não se submeteria à castração: existe um x tal que não Φx . A não relação entre os sexos é recoberta pela castração imputada ao pai. Mas Lacan não escreveu, para o que concerne às mulheres, para todo x , não Φx . Ele escreveu, e é muito mais sutil, a negação sobre o todo: não todo x , Φx . Não toda mulher se submete à castração, algo na mulher escapa à castração. É aí que se situa o mistério do gozo feminino, para além do falo. Lacan o percebeu através da mulher, mas generalizar esta fórmula lhe permitiu destacar o que chamou de *sinthoma*¹⁸, o modo de gozo singular de cada um, para além ou resto da função fálica.

A todo ser falante é permitido, seja ele provido ou não dos atributos da masculinidade - atributos que restam a determinar - inscrever-se nesta parte. Se ele se inscreve nela, não permitirá nenhuma universalidade, será não-todo, no que tem a opção de se colocar na função fálica ou não. Junto com não todo x , Φx , temos a fórmula: não existe x tal que não Φx , a negação da exceção. Por não haver uma exceção que funde o todo, estamos no regime do não-todo.

Do lado masculino, Lacan escreve $\$$ e Φ . $\$$, seja ele homem ou mulher, tem como parceiro o objeto a inscrito do outro lado da barra, objeto de sua fantasia. Do lado feminino situamos o que, impropriamente, chamamos a mulher, pois $\bar{A}$ significa que não há um significante para nomeá-la. O significante do Outro só pode continuar sendo sempre Outro: $S(\bar{A})$. A mulher tem relação com $S(\bar{A})$, gozo enigmático, e é nisso que ela se duplica, pois, por outro lado, ela pode ter relação com o Φ , do outro lado da barra. Na relação com $S(\bar{A})$, uma mulher goza do que escapa à medida e tende à infinitude. Por isso, Lacan situa os místicos desse lado, sejam eles homens ou mulheres.

Por mais que a diversidade de modos de gozar se multiplique, as fórmulas da sexualização escrevem o impossível da relação entre o Um do gozo de cada um e o Outro como alteridade absoluta.

¹⁷ Lacan, J. *Mais, ainda*. RJ, Zahar, 1985, p. 105.

¹⁸ Miller, J.-A. *L'Un tout seul*. Lição de 02.03.2011.

BIBLIOGRAFIA SUGERIDA

BIBLIOGRAFIA INICIAL SUGERIDA

Alvarenga E., O que há de novo nas parcerias?, in Mutações do laço social. O novo nas parcerias. Belo Horizonte, EBP-MG, 2021.

Bayón P.A., Género semblante – género real, in <https://zadigespana.com/2022/02/02/genero-semblante-genero-real/?fbclid=IwAR3U6OBGM8LbtmtowtWUPys88SM9Sj6RdzmlFh-S0AJhio1wYisuyvBCdcSk>

Freud, S. (2016). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In S. Freud, Obras completas, volume 6: três ensaios sobre a teoria da sexualidade, análise fragmentária de uma histeria (“O caso Dora”) e outros textos (1901-1905). Rio de Janeiro: Imago.

Freud, S. (1976b). Sobre as teorias sexuais das crianças (J. Salomão, Trad.). Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud (Vol. IX). Rio de Janeiro: Imago.

LACAN, J. O Seminário, Livro 20: Mais, ainda, Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 1985.

LACAN, J. (1998[1955-1956]) “De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose”. In: Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Miller J.-A., De la infancia a la adolescencia, Buenos Aires, Paidós.

Miller J.-A., Del Edipo a la Sexuación, Buenos Aires, Paidós.

Miller J.-A., Entrevista com E. Marty, in <https://www.dropbox.com/s/u5erun9mxd7wkjd/ENTREVISTA%20sobre%20Le%20sexe%20des%20Mod>

Miller, J. -A., El partenaire-síntoma, Buenos Aires, Paidós, 2008

Miller, J.-A. L’Un tout seul. Lição de 02.03.2011, inédito.

Miller, J.-A., Certain problème de couple; in: cause freudienne.net

Miller, J.-A., L’invention du partenaire; in: cause freudienne.net

MILLER. J-A. Efeito do retorno à psicose ordinária (2009). In BATISTA, M.C.D.; LAIA, S. (Orgs.) A Psicose Ordinária: a Convenção de Antibes. Belo Horizonte. Scritum. 2012.

Scilicet O Corpo Falante – Sobre o inconsciente no século XXI, São Paulo, 2016.

Soria N., La sexuación en cuestión, Buenos Aires, Del Bucle, 2020.

PROGRAMA

PROGRAMA

DIA 23 DE SETEMBRO – SEXTA-FEIRA ALIANÇA FRANCESA (PRESENCIAL E VIRTUAL)

15h30 – ABERTURA

Das 16h às 17h30 – 1ª CONFERÊNCIA – LIGIA GORINI (ECF/AMP)
COORDENAÇÃO – ARY FARIAS (EBP/AMP)

Das 17h30 às 19h – PLENÁRIA 1
Coordenação – Elisa Alvarenga (AME-EBP/AMP)

Luis Francisco Camargo (EBP/AMP) – A solução assintótica da sexuação
Renata Tavares Imperial – Female transformation: o mistério do gozo feminino

DIA 24 DE SETEMBRO SÁBADO (MANHÃ) NÃO HAVERÁ ATIVIDADE PRESENCIAL

08h30 – acesso aos zooms
(os links serão enviados aos inscritos, às vésperas das Jornadas)

Das 09h às 12h – MESAS SIMULTÂNEAS

MESA 1 - Das 09h às 10h

INFÂNCIA: CLÍNICA E RELATO
Coordenação – Ruskaya Maia (EBP/AMP)

Cláudia Murta (EBP/AMP) – Brincadeiras sexuais infantis
Hítala Gomes – Crianças em análise: o lugar da criança no tratamento psicanalítico

MESA 2 – Das 09h às 10h

DA FOBIA À PROCRASTINAÇÃO
Coordenação – Paulo Sérgio Silva

– Lucas Fraga Gomes – Compreender não é saber: procrastinação, síndrome do impostor e Outro sexo
– Tania Regina Anchite Martins (EBP/AMP) – Mistério ou traumatismo?

MESA 3 – Das 09h às 10h

UM SABER FAZER COM O GOZO SINTHOMÁTICO
Coordenação – Ordalia Junqueira (EBP/AMP)

Janayna Araújo – No rastro do delírio: o que quer dizer o mental?
Renato Carlos Vieira (EBP/AMP) – A criança do olho

MESA 4 – Das 10h às 11h

MODOS DE GOZO NAS PARCERIAS

Coordenação – Juliana Bressanelli
Simone Souza Vieira – Mistério do analisante
Rodrigo Oliveira dos Santos – O gozo fálico e o gozo feminino enquanto ex-sistentes

MESA 5 – Das 10h às 11h

O EVENTO SEXUAL NA CONSTRUÇÃO DE UM CORPO

Coordenação - Fábio Paes Barreto (EBP/AMP)

Fabiana Fratari – O corpo roubado na psicose

Mário Batista Neto – Um sexo sem a regulação fálica

MESA 6 – Das 10h às 11h

A PSICOSE ORDINÁRIA E O SEXO

Coordenação – Tania Mara Alves Prates

Juliana Prado – O hor-sexo como índice de leitura da psicose

Henrique Alves Lopes – A forclusão e seus destinos: no amor e no sexo

MESA 7 – Das 11h às 12h

A SEXUAÇÃO X A SUSTENTAÇÃO DE UM CORPO PELA PARCERIA SEXUAL

Coordenação – Waléria Paixão

Denizye Zacharias (EBP/AMP) – Um abismo radical

Regina Cheli Pratti – O difícil lugar do sexo nas psicoses

MESA 8 – Das 11h às 12h

O GOZO FEMININO BEM DITO

Coordenação – Carla Serles (EBP/AMP)

Ceres Rúbio - Sexuação e o gozo feminino na mulher

Delza Eloy de Santana Gonçalves - Bem dizer o feminino: do que ex-siste no corpo

MESA 9 – Das 11h às 12h

OS IMPASSES DA SEXUAÇÃO

Coordenação - Giovanna Quaglia (EBP/AMP)

Adriana Gomes Pessoa - Semblantes e o Não-toda

Luciana da Silva Pedron - A adolescência e os impasses na eleição do sexo: o que eu invento para aquilo que eu não posso dizer?

DIA 24 DE SETEMBRO – SÁBADO (TARDE)

ALIANÇA FRANCESA (PRESENCIAL E VIRTUAL)

Das 14h às 15h30 – PLENÁRIA 2

Coordenação – Romulo Ferreira da Silva (AMP-EBP/AMP)

Jaqueline Coelho – Com que roupa?

Cristiano Pimenta (EBP/AMP) – A sexuação feminina e o gozo alucinatório

Das 15h30 às 17h – 2ª CONFERÊNCIA – LIGIA GORINI (ECF/AMP)

Coordenação – Ary Farias (EBP/AMP)

Das 17h às 18h – MESA SOBRE O PASSE – SÉRGIO DE MATTOS

Coordenação Bartyra Ribeiro de Castro (EBP/AMP)

18h15 – ENCERRAMENTO

Coquetel de confraternização

PLENÁRIA 1

Coordenação – Elisa Alvarenga (AME-EBP/AMP)

A SOLUÇÃO ASSINTÓTICA DA SEXUAÇÃO

Luis Francisco Camargo
EBP/AMP

Naveau¹ destacou três definições do falo em Lacan: (1) com um significante; (2) como um órgão e; (3) como uma função que escreve um gozo, a função fálica. Como significante pode ser tanto o significante do desejo quanto o significante do gozo. Já como órgão, é suscetível de sofrer destinos diferentes como a ereção e a detumescência. Posteriormente, Lacan aperfeiçoa esta noção: “de modo algum designa o órgão chamado pênis, com sua fisiologia, nem tampouco a função [...] da cópula. Veremos que ele visa a [...] relação com o gozo”², uma função cuja satisfação é parcial.

Lacan demonstrou o real do masculino ao substituir a mitologia freudiana de *Totem e Tabu* por uma sentença lógica que sintetiza a função da exceção: . O Φx é a função de limite ao elemento da exceção e a localização do gozo. A sentença explicita que a função da castração não se escreve. Por isso, Lacan afirmou que se trata de uma função para não se escrever, que seria melhor representada pela sentença , sem a variável. Afirmar que um elemento está inscrito na função fálica é dizer que consentiu a um limite de satisfação da pulsão no corpo, uma satisfação parcial.

Observa-se um movimento no ensino de Lacan de transformação do órgão em um significante e de um significante em uma função:

[...] do discurso psicanalítico, um órgão faz-se o significante. Aquele que podemos dizer que se isola na realidade corporal como isca, por nela funcionar [...]: a) como fânero [...] que se acentua por sua eretilidade, b) a fim de servir de logro [...] nas diversas pescas que transformam em discurso as voracidades com que se tampona a inexistência da relação sexual³.

Essa passagem apresenta duas funções decorrentes da transformação do órgão em significante: (1) como proteção à castração; (2) como cilada, isca pela qual se tampona a inexistência da relação sexual. A noção do falo como isca já havia sido desenvolvida por Lacan no capítulo “O objeto Ofélia” do seu seminário *O desejo e sua interpretação*, ao comentar a tragédia

1 NAVEAU, P. « La comédie du phallus ». La cause du désir. Virilités. Nº 95. Paris: Navarin Editor, 2017, p. 25.

2 LACAN, J. O seminário, livro 18: de um discurso que não fosse semblante. Rio de Janeiro: Zahar, 2009, p. 62.

3 LACAN, J. “O aturdido”. In. LACAN, J. Outros escritos. Rio de Janeiro: Zahar, 2003 p. 456.

de Hamlet: “a cortesã é a isca que tem a missão de arrancar de Hamlet seu segredo [...] Ofélia também está ali para interrogar um segredo [...] o segredo do desejo”⁴.

Desde o caso Schreber, Lacan representou o não pertencimento ao domínio da função fálica pela sentença atômica Φ_o ⁵. Esse predicado indica que Schreber não responde à função porque este significante não foi inscrito pela metáfora paterna. Logo, não há transformação do significante do desejo do Outro em uma função. Em termos freudianos, o delírio de Schreber era tanto uma defesa contra o gozo deslocalizado quanto uma tentativa de localização de uma satisfação visando restituir o programa do princípio do prazer. Nos anos 50, Katan traduziu isso da seguinte forma: “(1) O delírio é uma defesa contra a homossexualidade; (2) O delírio é uma tentativa de restituição”⁶. O delírio de emasculação e de transformação em mulher foi uma tentativa de localização de uma satisfação pulsional estranha ao Eu de Schreber. Segundo Katan⁷, o delírio do mundo perdido estava limitado a um certo período; nenhuma significação central poderia ser realizada e “Schreber não era capaz de dominar seu funcionamento genital”; leia-se, *dominar o outro gozo*, o gozo que não cessa de não se inscrever. Assim, o fim do processo de elaboração de Schreber se concretizará após a sua emasculação e sua transformação em mulher para, finalmente, ser copulado por Deus. Essa solução foi projetada para um infinito distante. O laudo médico de Schreber de 1899, realizado pelo Dr. Weber, descreve precisamente este gozo transexual:

O essencial da sua missão redentora é que em primeiro lugar tem que ocorrer a sua transformação em mulher. [...] as experiências ameaçadoras há muito tempo já desapareceram, em compensação, sua “feminilidade” passou para o primeiro plano; trata-se de um processo de desenvolvimento que provavelmente exigirá decênios, senão séculos, até se completar, e cujo final dificilmente algum dos atuais homens vivos assistirá⁸.

Segundo Freud, é nesse ponto que a luta contra a doença pôde cessar. O ponto em que a realidade é fortalecida e, ao mesmo tempo, a sexuação está obrigada a adiar sua realização ao “contentar-se com uma satisfação de desejo assintótica”⁹.

Lacan representou no esquema I essa satisfação do gozo transexual por uma função hiperbólica “na dupla assíntota [curvas], que une o eu delirante ao outro divino”¹⁰ e no “efeito de empuxo-à-mulher, especificado pelo primeiro quantificador depois de precisar que é pela irrupção de *Um-pai* [...] que se precipita [...] o efeito sentido [...] para o

4 LACAN, J. O seminário, livro 6: o desejo e sua interpretação. Rio de Janeiro: Zahar, 2016 p. 328.

5 Cf. LACAN, J. De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose. In. LACAN, J. Escritos. Rio de Janeiro: Zahar Ed., 1998, p. 563-581.

6 KATAN, M. O delírio do fim do mundo de Schreber. In. NIEDERLAND, W. O caso Schreber: um perfil psicanalítico de uma personalidade paranoide. Rio de Janeiro: Campus, 1998, p. 137.

7 Ibid., p. 141

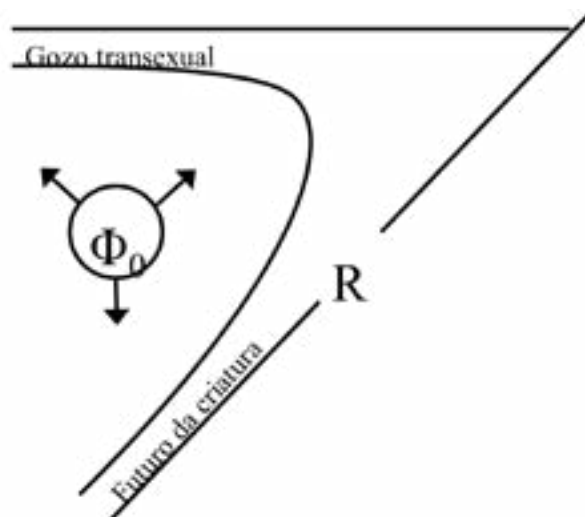
8 SCHREBER, D. P. Memórias de um doente dos nervos. São Paulo: Paz e Terra, 1984, p. 240.

9 FREUD, S. O caso Schreber. In. FREUD, S. Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em autobiografia. Obras Completas, v. 10. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p. 43.

10 LACAN, 1998, p. 578.

campo de um Outro [...] estranho a qualquer sentido”.¹¹

Trata-se da sentença que representa o pai da exceção, expressa no discurso de Schreber do seguinte modo: “Deus exige um gozo contínuo [...] é meu dever proporcionar-lhe este gozo, na forma de um abundante desenvolvimento de volúpia de alma, na medida em que isto esteja no domínio da possibilidade [...]”¹². A realização deste gozo é projetada em um futuro distante, ponto em que Schreber não só realizará o gozo voluptuoso de Deus (Gozo transexual), mas também será copulado para gerar uma nova humanidade espiritual das criaturas.



Assim, a lógica da sexuação apresentada nas sentenças lógicas para as posições masculina e feminina excluem o caso Schreber, caso paradigmático no estudo das psicoses. Tanto o lado masculino quanto o lado feminino são definidos pela função fálica, escrita pelas seguintes sentenças correspondentes às fases do desenvolvimento da libido: (1) , fase fálica; (2) , fase pré-genital; (3) fase genital (feminina). Em Schreber, a função fálica não se escreve. Portanto, não podemos localizá-lo nem na posição masculina e nem na posição feminina do quadro lacaniano. Ele está à deriva no oceano do gozo enquanto tal.

A partir da expressão freudiana *realização assintótica do desejo*, Lacan descreve a realização sexual de Schreber por meio de uma função hiperbólica, um devir da sexuação projetado no infinito. Essa realização inacabada é o que caracteriza o fenômeno de *empuxo-à-mulher*. Para Schreber, se tratava de A mulher que funda o Pai da exceção, para o qual a função não se escreve.

¹¹ LACAN, 2003, p. 466.

¹² SCHREBER, Op. cit., p. 185.

FEMALE TRANSFORMATION: O MISTÉRIO DO GOZO FEMININO

Renata Tavares Imperial

Este trabalho foi construído a partir da questão do Cartel e articulado ao tema das III Jornadas da Seção Leste Oeste. Hugo, um adolescente que acompanho no CAPSi, há um ano, é invadido todas as noites por *pensamentos eróticos*, como ele nomeia, dos quais não tem o menor controle, desde que acessou vídeos a partir de suas buscas no *google* usando os seguintes termos: *FEMALE TRANSFORMATION*, *MAN TURNS A WOMAN*. Esta busca marca uma virada em sua vida e em seu tratamento, que já durava três anos. Hugo passou a vir às sessões muito angustiado, pedindo *dicas* para desaparecer com estes pensamentos. Seu interesse específico sobre o filme *De volta para o futuro* e a construção de suas histórias em quadrinho baseadas neste, deixaram de ser o centro de sua vida. Seu interesse pelo corpo toma uma outra dimensão, uma vez que passa a ser invadido pela transformação de um homem em uma mulher. Seus pensamentos têm um enredo fixo, uma ficção construída com poucas variações: o contexto é uma loja de roupa, um homem vê uma mulher muito bonita vestindo roupas *sexys*, o homem fica excitado, entra no vestiário para provar roupas masculinas e sai deste transformado em mulher e vestindo roupas femininas. Durante o relato, Hugo segura fortemente seu pênis. Este ato acontece todas as vezes que os menciona, se certificando que aquilo que se passa em seus pensamentos e nas palavras, não está acontecendo de fato, que ele não está se transformando em mulher.

Hugo relatou tais pensamentos apenas duas vezes, ele se recusa a falar, justifica que ao descrevê-los *as imagens grudarão e será impossível de esquecer-las*. Todo seu esforço é de desaparecer com estas imagens e não entrar em contato com signos que despertam o retorno delas. Isto virou um tormento, na medida em que no caminho de casa para escola tem uma loja do tipo *sex-shop*. Hugo fica atento ao percurso para não olhar a vitrine. A escola, além de todos os desafios impostos para ele (barulho, convivência entre os pares etc.), acrescentou o desafio de ter que lidar com uma menina do tipo *sexy*, sua colega de sala, que fala muitos palavrões eróticos. Esta convivência ficou insuportável, a ponto de Hugo ter um mal-estar físico, vomitou muito, precisou ir para casa. Adoeceu, ficou afastado, até que se decidiu por uma transferência de escola. Se o campo visual era concentrado num filme, agora o real do sexual o invade e ele nomeia um pecado e tenta extraí-lo do seu campo de visão. Constata-se que seu trabalho com o filme não era um interesse específico, tal como no autismo, mas um tratamento do corpo pelo imaginário do filme, ali onde o recurso do aparelho especular falta. Os sintomas do corpo demonstram esse desarranjo da borda (LAURENT, 2014) e da amarração provocado pelo que ele vê na menina.

Com a mudança de escola, Hugo logo é acometido por outra *doença: apaixonite aguda*, é assim que ele nomeia o modo como seu corpo e seus pensamentos são tomados a partir do contato com uma colega de sala *muito bonita, educada, e que desenha*, assim como ele. Hugo experimenta um querer saber, faz muitas perguntas para ela sobre de qual série gosta; por qual time de futebol torce etc. Hugo estranha seus comportamentos e se angustia muito com a falta de resposta dele às perguntas da colega tais como: *você já gostou de alguma menina?* Diante desta pergunta, Hugo fica calado e sai correndo igual ao personagem *Sonic*, dá voltas na quadra da escola e apenas para quando sente *dor nas costelas*. Volta para perto dela e responde: sim. Aparece a falta de recurso fálico, mas uma tentativa de colocar o saber em ação. A menina é muito diferente da outra e seu recurso nas perguntas o afasta do gozo invasivo, que o empuxa ao feminino.

Os pensamentos eróticos não desapareceram, mas diminuíram. Hugo percebe essa mudança e diz que agora tem *pensamentos românticos*, se vê acompanhado por Carol em *situações românticas*. Ao relatar esta constatação, marco que ele encontrou um *antídoto*, sua paixão por Carol. Hugo ri com sarcasmo e fala: *Antídoto. Você está de brincadeira, troquei seis por meia dúzia*. E força uma gargalhada. Marco que ele estava se esforçando muito para não ser invadido, todas as noites, pelos *pensamentos pornográficos*. Então ele responde, segurando seu pênis: *Continuo sem controle dos meus pensamentos*. Concorde, mas realço que ele não está tão invadido por seus *pensamentos* e que o conteúdo destes mudou. Uma tentativa de operar uma metáfora gozo/ideal, que ele mesmo diz que fracassa porque ele não dispõe da significação fálica, mas que faz borda à desregulação do pensamento.

Na adolescência, seus recursos estão sendo colocados à prova, suas defesas entendidas, até então, como autísticas estão sendo acionadas intensamente: o interesse pelo *Sonic* está extremado; tem desenhado muito; tem se expressado mais em inglês. Além destas defesas, Hugo foi invadido por um gozo que foi tratado pelo recurso do empuxo à mulher, do qual ele tenta se desvencilhar. Pela *apaixonite* ele se garante numa posição masculina sem o apoio do falo simbólico. Comparece, então, uma nova forma de tratar o real que lhe invade, na qual se constata que os significantes homem e mulher não dão conta de localizar o gozo. Nem tampouco os semblantes de sua comunidade religiosa. Apesar de contar com sua crença religiosa, Hugo tem dificuldades para inscrever seu gozo sob o significante fálico. Se Hugo não pode contar com os recursos fálicos para localizar seu gozo, o que ele tem experimentado é da ordem de um gozo feminino? Se na neurose, pode-se oscilar entre os dois lados das fórmulas da sexuação, lado homem ou lado mulher, podendo experimentar um gozo regulado pelo falo e outro não regulado, respectivamente, na psicose, o recurso do empuxo à mulher pode ser uma via de localização do gozo do lado feminino.

Sigo secretariando Hugo em sua construção singular diante de um real não regulado. O ideal romântico será uma solução para a sua *female transformation*?

Referências Bibliográficas:

BASSOLS, M. Fundamentos de la sexuación en Lacan. In: Lacan Hispano. Buenos Aires: Grama Ediciones: 2021.

LACAN, J. O Seminário, Livro 20: Mais, ainda. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

LAURENT, E. A batalha do autismo: da clínica à política. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

MESAS SIMULTÂNEAS

MESA 1 - INFÂNCIA: CLÍNICA E RELATO

Coordenação – Ruskaya Maia (EBP/AMP)

BRINCADEIRAS SEXUAIS INFANTIS

*Claudia Murta
(EBP/AMP)*

Desde 1998 o PAVIVIS, Programa de Atendimento às Vítimas de Violência Sexual, vinculado ao Departamento de Ginecologia e Obstetrícia da Ufes e lotado no HUCAM, Hospital Universitário Cassiano Antônio Moraes, presta assistência multiprofissional a pessoas em situação de violência sexual, uma das manifestações de violência de gênero mais cruéis e persistentes. Suas ações visam assistência integral e humanizada às vítimas e familiares, de urgência e eletiva: profilaxia de infecções sexualmente, contracepção de emergência, consultas com ginecologista/obstetra, psicólogo, enfermeira, assistente social, exames laboratoriais, notificação dos casos, fornecimento de relatórios técnicos às varas especializadas, delegacias e Ministério Público, capacitação de equipes hospitalares do HUCAM, participação em audiências públicas, seminários, fóruns, rodas de conversa e avaliação e acompanhamento dos casos de solicitação de aborto legal. Os casos chegam por demanda espontânea ou são encaminhados de diversos setores como delegacias ou conselhos tutelares, sendo avaliados pela equipe multiprofissional qualificada.

Apresenta nas Jornadas da SLO, “O Mistério da Sexuação”, um caso atendido pela equipe do PAVIVIS que oferece a problemática do despertar da sexualidade adolescente e suas implicações diante das quais a presença do analista na equipe foi fundamental para o desfecho favorável.

Tratam-se de dois irmãos adolescentes, ela com 15 anos, ele com 13 anos. Chegam ao PAVIVIS depois que a adolescente comunica aos pais sua gravidez decorrente de uma relação sexual com o irmão. Primeiramente, a adolescente foi atendida em consulta obstétrica na qual solicitou-se o exame de ultrassom que indicou o estado adiantado da gravidez em 27 semanas e cinco dias na data do exame.

No atendimento social, os pais perguntaram se poderiam registrar a criança em nome próprio e foram informados sobre a ilegalidade desse ato, pois a lei não permite adoção por avós, apenas a guarda. Solicitaram então se a criança poderia ser registrada apenas em nome da mãe e foram informados que, pela lei, não teria problema em omitir o nome do pai na certidão da criança.

Paralelamente, os pais relataram terem sido procurados por uma investigadora de polícia com denúncias de que a adolescente estava sendo mantida em cárcere privado como

vítima de violência sexual por alguém próximo. A equipe do PAVIVIS recebeu e repudiou o ofício da DPCA sobre o assunto. Para encaminhar o processo, reuniram-se SESA, PAVIVIS e Vigilância Epidemiológica e trataram dos direitos dos adolescentes, da investigação de estupro de vulnerável. Houve estupro nesse caso? Se houvesse um adulto envolvido sim, contudo os adolescentes são menores de 16 anos e o adolescente é menor de 14 anos, sendo ele, o mais vulnerável dos dois.

No âmbito social, o posicionamento da equipe do PAVIVIS reitera o repúdio às denúncias contra a família; na perspectiva da psicanálise, a equipe se posiciona refratária à inclusão de outra pessoa nesse processo, e questiona a suspeição de um adulto envolvido como uma dificuldade social em lidar com o tabu do incesto; além disso, esclarece que as crianças fazem pesquisas sexuais, mas antes de 16 anos não têm moralidade suficiente para avaliar os riscos de suas investigações sexuais práticas; desse modo, a escuta psicanalítica desse caso interpreta a gestação como resultado de pesquisas sexuais infantis.

O atendimento obstétrico não coletou dados de violência para com a menina, nem informação de um terceiro envolvido. Como a adolescente manifestou desejo de permanecer grávida, fazer o pré-natal e cuidar da criança, tanto quanto sua mãe também manifestou esse desejo e, como o PAVIVIS trabalha com o desejo da pessoa assistida, continuou dando assistência social, obstétrica e psicológica à família e à paciente.

No atendimento psicanalítico, toda a família foi recebida, no entanto, cada um de seus membros foi atendido separadamente.

A adolescente relatou não saber porque fez o convite ao irmão para fazerem sexo, disse que foi como se estivesse tomada por algo incontrolável. Tinha ainda vergonha, arrependimento e medo, sobretudo do pai.

O adolescente contou que a irmã o convidou para fazer sexo e ele aceitou. Ficou muito triste com o que se seguiu e manifestou querer sua vida de volta.

A mãe dos adolescentes sentiu-se aterrorizada com a notícia da gravidez incestuosa de sua filha, mas recuperou-se do impacto trágico inicial e manifestou a esperança de encontrar junto à equipe, o apoio para amenizar as consequências do ocorrido para a sua família.

De todos os familiares, o pai dos adolescentes foi, visivelmente, o ente mais abalado, necessitando de atendimento feito pela enfermagem diante de vertigens e desmaios. Ele também foi muito afetado socialmente como alvo de denúncias e perdeu, por conseguinte, condições de trabalho. O pai se perguntou porque tudo isso aconteceu e fez o que estava a seu alcance para recuperar condições de sociabilidade, interna e externamente à sua família.

As intervenções psicanalíticas foram as seguintes:

Em primeiro lugar, nomeou-se o ato gerador da gravidez como – brincadeira sexual infantil.

Essa nomeação do ato que se apresentava inominável, o retirou da categoria de crime e violência, pois em toda violência existe abuso e, nesse caso, as perguntas são: quem seria o abusador? Quem seria a vítima? Trata-se de um caso onde não há manifestação de violência; não há vítima, nem algoz, apenas a sexualidade infantil que toma seus contornos no despertar da sexualidade, após o período de latência, como nos ensina Freud em seus *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*.

Em segundo lugar, à questão da adolescente sobre o que a teria levado a propor a brincadeira sexual, interpretou-se como pulsão sexual ativada em parte pela manifestação dos hormônios da puberdade e para a qual não havia uma pulsão de saber associada. Como a pulsão sexual resultou em gestação, a adolescente tornar-se-ia, por pura manifestação de seu desejo nas sessões de atendimento, – mãe.

Quanto ao adolescente, ele que desejava sua vida de volta, como efeito do atendimento psicanalítico, assumiu que seria apenas, – o tio da criança; e, quando a criança tivesse condições de entender, explicaria para a mesma sua origem biológica. Em uma sessão, ele relatou um sonho no qual era perseguido em sua casa por um leão e, na passagem, encontrou uma mulher que lhe mostrou tratar-se de um cachorro e não de um leão. Interpretou-se que a mulher era a analista que lhe fez perceber que as consequências de sua brincadeira sexual não o colocavam em risco. Sendo assim, recuperou sua vida e a assumiu, crescendo física e psiquicamente.

Foi explicado ao pai dos adolescentes que a criança precisaria de alguém que assumisse junto a ela, a função paterna, pois essa função poderia ser ocupada por quem quisesse e tivesse condições, não necessariamente o pai biológico. Ele respondeu que assumiria a função paterna sem problemas. Quanto à mãe dos adolescentes, manteve-se em suas funções de esposa, mãe e avó bem delimitadas.

Após o nascimento da criança, de parto cesárea pós indução, todos foram para as últimas consultas, cada um com sua função diante do advento da nova vida, agradecendo a assistência humanizada fornecida pela equipe do PAVIVIS à saúde da família.

CRIANÇAS EM ANÁLISE? O LUGAR DA CRIANÇA NO TRATAMENTO PSICANALÍTICO

Hítala Gomes

Ao longo de toda obra freudiana, é possível encontrar temas relacionados à infância e à prática psicanalítica com as crianças, mas assim como no desenvolvimento da história, o lugar ocupado pela criança foi se modificando.

Em 1888, Freud já percebe que é possível encontrar casos de histeria nas crianças, com sintomas semelhantes aos dos adultos. Além disso, ele já reconhece que os impulsos sexuais na infância têm um papel importante no desenvolvimento das neuroses.

Em 1900 Freud dirá que os desejos sexuais de uma criança despertam muito cedo, e mesmo numa tenra idade a preferência sexual já surge e se faz sentir. Neste sentido, os pais ocuparão este lugar de primeiro amor.

Mas, é em 1905 em seu texto *Três ensaios sobre a teoria da Sexualidade* que Freud faz uma virada no lugar que a criança ocupa na psicanálise. Ele aponta com clareza que as crianças de 3 a 5 anos já são capazes de uma escolha objetal com afetos intensos, mais do que isto, fala em uma disposição sexual universalmente perversa da infância.

Deste modo, Freud retira o estatuto de inocência e pureza das crianças, e diz que a criança também porta uma sexualidade, ou seja, ela busca obter algum tipo de satisfação. Desse modo, ocorre uma ampliação no conceito de sexualidade.

Em 1909 Freud retoma com a análise do pequeno Hans os estudos sobre a histeria na infância, e tenta comprovar a partir desse caso, a relação da sua teoria da sexualidade infantil com o adoecimento neurótico.

Em 1914, ele fala do “quarto da criança” como o espaço em que a presença do Outro parental marca sua formação enquanto sujeito, mas insiste na responsabilidade que cabe a cada criança. O quarto é justamente o lugar para vislumbrar o exterior e para fazer descobertas sobre o pai, com isso, o desligamento do pai é apressado. O pai aparece aqui como o perturbador máximo da vida pulsional, modelo a ser imitado e eliminado.

A criança cria seu espaço e apreende seu corpo como objeto de gozo, mas também pode querer se isolar e colocar-se como objeto rejeitado. Assim, ela tem uma responsabilidade em relação ao uso do gozo que faz do seu corpo e do seu pensamento. (LACADÉE, 2014)

Surgem, portanto, alguns impasses a partir da relação desta criança com o Outro. De acordo com Sauret (1998, p.30) “Não se trata de negar a existência de determinantes como organismo, a sociedade, a história, etc. [...] O sujeito é unicamente responsável pelo que ele faz de seus determinantes”.

Lacan (2003), acrescenta a função de resíduo exercida pela família, bem como de uma transmissão na ordem da constituição subjetiva. Desse modo, é preciso um desejo que não seja anônimo, um investimento fálico, de um Outro primordial que irá atribuir a esta criança um lugar e uma significação. As consequências clínicas irão surgir em virtude da maneira como o processo se efetua. Ele, ainda, acrescenta, que o sintoma da criança tem condição de responder ao que há de sintomático na estrutura familiar, ele pode representar a verdade do casal familiar.

De acordo com Borges (2005), o sintoma aparece muitas vezes como uma solução àquilo que não se consegue falar, e necessita ser decifrado. Sendo, pois, um possível caminho encontrado pelo sujeito para sua questão.

Lacadée (2014) marca as mudanças no lugar do Outro parental no século XXI, onde os objetos de gozo são cada vez mais diversos e acessíveis tornando-se novas bússolas às crianças desbussoladas. Com isso, o “quarto da criança” também se modifica, ele foi invadido pelos objetos do capitalismo pulsional, objetos que subvertem ou anulam a presença significativa e desejante do Outro.

A cultura atual, dessa maneira, desloca a demanda de saber ao gozo, um gozo ilimitado, infinito. Diante disso, cabe ao analista enviar o sujeito à sua particularidade.

De acordo com Miller, o saber da criança é respeitado no discurso analítico como de um sujeito em pleno exercício, “[...] pois ela é um sujeito em pleno exercício e não ‘sujeito a vir’, como ela é aos olhos da pedagogia”. (2012, p.9)

Trata-se, pois, em análise, de elucubrar um saber que possa servir à criança, um saber ao alcance dela. É, portanto, um convite a falar, e a possibilidade de emergência de uma potência inventiva e subversiva vinda do mais singular de cada um. Essa nova geração, porta um saber capaz de inventar sua própria bússola, sua saída aos impasses que vivenciam, por meio do seu modo singular de traduzir o que têm de mais íntimo.

Freud ao ampliar o conceito de sexualidade, convoca também a criança para esse lugar de se posicionar diante do seu desejo e de responsabilidade no tratamento. Com Lacan e o conceito de gozo é possível ir além, e pensar no que há de um único em cada sujeito. (BRISSET, 2013)

Com isso, o psicanalista considera que o sujeito pode assumir alguma coisa, e o que a psicanálise oferece ao sujeito, frente à sua verdade, é a decisão do saber e a sua possível tradução. (LACADÉE, 2008)

Referências Bibliográficas:

- BORGES, S. A escola como parceiro-sintoma. **Revista da faculdade de educação da UFG**, Goiás, set. 2005.
- BRISSET, F. O. Crianças falam! E têm o que dizer. **Cien Digital**. nov. 2013.
- FREUD, S. Artigos sobre hipnotismo e sugestão (1888-1892). Rio de Janeiro: Imago, 2006. vol. I.
- _____. A interpretação dos sonhos (1900). vol. IV.
- _____. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade (1905).vol. VII.
- _____. Análise de uma fobia em um menino de cinco anos. (1909). vol. X.
- _____. Algumas reflexões sobre a psicologia do Escolar (1914). vol. XIII.
- LACADEÉ, P. A bússola do sim e do não. **Cien digital**, Belo Horizonte, n.16. mai. 2014.
- _____. O que há de único em cada sujeito. In: **Opção Lacaniana**. São Paulo: Edições Eolia, n.51, 2008.
- LACAN, J. Nota sobre a criança (1969). In: **Outros Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003. p. 369-370.
- MILLER, J.A. A criança e o saber. **Cien digital**, Belo Horizonte, n.11. jan. 2012.
- SAURET, J.M. **O infantil e a estrutura**. São Paulo: Escola Brasileira de Psicanálise, 1998.

MESAS SIMULTÂNEAS

MESA 2 - DA FOBIA À PROCRASTINA- ÇÃO

Coordenação – Paulo Sérgio Silva

COMPREENDER NÃO É SABER: PROCRASTINAÇÃO, SÍNDROME DO IMPOSTOR E OUTRO SEXO

Lucas Gomes

São várias as formas de se nomear o mal-estar contemporâneo. Especificamente na clínica com adolescentes e jovens¹ escuta-se de forma cada vez mais frequente queixas relacionadas a procrastinação. Aliado a essa queixa, surge uma nova nomeação que por vezes, nas palavras dos analisantes, soa como uma justificativa para a procrastinação: a síndrome do impostor. A questão que se coloca para a psicanálise é justamente escutar o que esses adolescentes e jovens trazem na particularidade desses novos sintomas e tentar entender a causalidade aí implicada. Para tanto, irei utilizar como bússola alguns pontos cardeais: o saber, o desejo, e por fim, a relação com o Outro sexo.

O saber

Parte-se do pressuposto de que vivemos uma época de total mudança de paradigma em relação ao conhecimento: com o advento e disseminação da internet temos acesso ao que precisamos conhecer basicamente no instante de ver, ou seja, de forma imediata. Outro ponto fundamental é que o acesso a esse conhecimento não passa por um Outro, entendido como um Outro encarnado e que possui um saber a ser transmitido, tal como foi historicamente construído e efetivado. De forma inicial pode-se associar os sintomas da procrastinação e da síndrome do impostor a uma geração que se encontra desbussolada devido à ausência de orientação que era oferecida pela ordem simbólica (MILLER, 2014). Portanto, esses jovens encontram-se mais em um registro do conhecimento do que efetivamente do saber, pois, para saber o sujeito deve renunciar algo do gozo, e esse processo passa necessariamente pelo encontro com o Outro (LACAN, 2008).

O desejo

Sabe-se, com Lacan na esteira de Freud, que se a pulsão é a consequência de um dizer que ecoa no corpo, essa se manifesta de uma forma perversa polimorfa, tendo como fixações certos objetos elencados por Freud. Lacan avança ao acrescentar na série os objetos olhar e voz, sendo objetos relacionados diretamente ao desejo do Outro. Isso é de grande importância pois observa-se na clínica que é justamente a entrada em cena desses dois ob-

1 Le Breton (2017) faz uso do termo adulescentes para se referir ao prolongamento da adolescência observável atualmente.

jetos que são causadores de angústia nos jovens. Lacadee (2014) nos lembra que os *objetos a* dependem do corpo do sujeito, mas também do Outro, e na contemporaneidade, por conta da proliferação dos objetos de consumo, esses acabam por anular ou subverter a presença e o desejo do Outro.

Santiago (2020) aponta que na adolescência temos uma questão a respeito do desejo (“o que quero?”) e do futuro (“o que vou ser?”). Essas perguntas tem um efeito angustiante pois dizem respeito a duas dimensões fundamentais do desejo: a primeira refere-se ao fato que a responsabilização de seu desejo implica uma escolha e consequentemente o consentimento com a perda, e a segunda refere-se justamente a dimensão temporal, pois é justamente a precipitação de um momento de concluir que força os sujeitos a se posicionarem, daí muito sujeitos que se dizem “procrastinadores” e “impostores” deixarem a escolha para o último momento, tentando adiar sua implicação enquanto sujeitos. Assim, ao se furtarem a decisão, os sujeitos franqueiam certo fechamento de si, caracterizando uma autoerótica (SANTIAGO, 2020).

Outro sexo

É justamente na adolescência que acontece uma atualização do sexual, ou seja, é uma época em que o real faz valer sua presença esburacando o simbólico. É de fato uma época delicada em que o sujeito é convocado a cada vez mais responder por si, ao mesmo tempo em que é confrontado com mudanças corporais substanciais. Ainda, é um momento da vida em que o sujeito é marcado pelo encontro com o Outro sexo e esse encontro aponta para um furo no saber. Nesse encontro o sujeito é convocado a se nomear frente a seu gozo, ou ainda, como ser sexuado. Dessa forma, o mistério aí envolvido é produzir um saber frente ao enigmático (e traumático) do Outro sexo.

Portanto, muito dos comportamentos dos jovens, incluídos aí a procrastinação e a síndrome do impostor, devem ser entendidos como textos passíveis de serem traduzidos em análise. Lacadee (2011) sustenta essa tese fazendo a ressalva que esse dizer dos sujeitos, só se torna efetivamente um dizer, caso permita-se ser traduzido e o sujeito renunciar a seu gozo autista e consentir com a entrada do Outro. Dessa forma, o grande desafio é justamente fazer um uso da língua de tal maneira que se consiga fazer uma articulação entre a linguagem e o gozo.

Por fim, deve-se lembrar que a resposta dos jovens frente ao mal-estar sempre é da ordem de uma invenção, dessa maneira o analista deve saber escutar esse mal-estar e acolher a singularidade, sempre apostando que aí existe uma invenção e um saber.

Referências bibliográficas:

LACADEE, P. A Bússola do sim e do não. 2014. Disponível em: <https://ciendigital.com.br/index.php/2018/11/30/a-bussola-do-sim-e-do-nao/>. Acesso em: 30 de jul. de 2022.

_____. **O despertar e o exílio**: ensinamentos psicanalíticos da mais delicadas das transições, a adolescência. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2011.

LACAN, J. **O seminário, livro 16**: de um Outro ao outro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.

LE BRETON, D. **Uma breve história da adolescência**. Tradutores: Andréa Maris Campos Guerra ... [et al.]. Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 2017.

MILLER, J. A. O real no século XXI: Apresentação do tema do IX Congresso da AMP. In. MACHADO, O., RIBEIRO, V.L.A, org. **Um real para o século XXI**. Belo Horizonte: Scriptum, 2014.

SANTIAGO, A. L. **Procrastinação, autoerótica e depreciação: sintomas dos jovens com relação ao saber**. 2020. Disponível em: <https://www.ebp.org.br/procrastinacao-autoerotica-e-depreciacao-sintomas-dos-jovens-com-relacao-ao-saber1/> . Acesso em 25 de jul. de 2022.

MISTÉRIO OU TRAUMATISMO?

Tânia Regina Anchite Martins
(EBP/AMP)

“Se vocês acreditam que tudo pode se revelar, pois bem, metam isso na cabeça: tudo não pode. Isto significa que uma parte não se revelará jamais”
J. Lacan¹

Lacan na conferência que realizou na Universidade de Yale, disse que a sexualidade é sempre traumática e usou o caso Hans, de Freud, em sua afirmação.

“Em que consiste então a fobia do pequeno Hans? No fato que ele constata subitamente que ele tem um pequeno órgão que mexe. É perfeitamente claro. E ele quer dar-lhe um sentido. Mas, no que diz respeito a esse sentido, nenhum menino sente que esse pênis está naturalmente ligado a ele. Ele ainda considera o pênis traumático. Quero dizer, ele pensa que pertence fora do corpo. É por isso que ele vê isso como uma coisa separada, como um cavalo que começa a se levantar e correr.”²

Freud já havia atribuído o sofrimento de Hans a esta perturbação.

“As primeiras comunicações sobre ele datam de quando tinha três anos de idade. Expressou então, em diversos comentários e perguntas, um interesse bastante vivo pela parte do seu corpo que chamava faz-pipi (wiwima-cher)”³

Ficou evidente na discussão do caso, e na forma como Freud o relatou, o vivo interesse, e todo o trabalho de Hans para dar sentido a este externo em seu corpo que lhe provocou muita angústia.

Freud considerou também alguns aspectos do contexto familiar de Hans: a relação de Hans com sua mãe e os excessos que a permeavam, assim como a relação com seu pai dedicado e complacente.

Também não passou despercebido para Freud quão pouca era a atenção que a mãe de Hans dava à palavra do pai, assim como, do pai de Hans em relação a sua mulher. No

1 Lacan Jacques, O mal entendido. Opção Lacaniana 72, pág10

2 Lacan, Yale University, Kanzer Seminar. Scilicet 6/7, pág 22

3 Freud, Obras Completas, volume 8, Análise da Fobia de um garoto de cinco anos, Companhia das Letras, pág126

relato de Freud podemos observar Hans às voltas com seu corpo e com *“as algaravias de seus ascendentes”*.⁴

Lacan já no seminário IV localizou no encontro de Hans com o real de seu gozo a fagulha que desencadeou sua angústia. Encontramos esta observação no seminário IV e em outros momentos de seu ensino.

*“O que muda, é que o seu próprio pênis começa a tornar-se alguma coisa completamente real. Seu pênis começa a agitar, e a criança começa a se masturbar. O elemento importante não é tanto que a mãe intervenha neste momento, mas que o pênis se tenha tornado real. Este é o fato da observação. A partir daí, devemos nos perguntar se não existe uma relação entre este fato e o que aparece, isto é, a angústia.”*⁵

Em 1957, Lacan demonstrou, a partir dos detalhes do caso relatado por Freud, a operação significativa que permitiu a Hans se sustentar através do sintoma que ele construiu e das transformações que ele operou servindo-se de substituições para construir uma suplência da carência paterna. Para este trabalho, de tentar acalmar o que o perturbou, Hans contou seus significantes, com os que foram introduzidos pelas interpretações de seu pai, e com a ajuda de Freud.

Para Lacan, neste momento de seu ensino, Hans não contava com elementos do simbólico para se haver com seu gozo enigmático, suas primeiras ereções. Ele trabalhava com o conceito de falta, uma ausência onde há uma ordem, um lugar.

Freud e Lacan se referiram à relação familiar. Lacan contava com a metáfora paterna como foi concebida nesta época, o Nome do Pai e o Desejo da mãe.

Em dezembro de 1974 no seminário RSI Lacan trouxe para falar da angústia de Hans a ex-sistencia.

*“A angústia é isso que, do interior do corpo, ex-siste quando há alguma coisa que o desperta, que o atormenta, vejam o pequeno Hans, quando se dá conta de ser sensível à associação com um corpo, ali, explicitamente macho, definido como macho, associação a um corpo de um gozo fálico. Se Hans se lança na fobia, é evidentemente para dar corpo, como demonstrei durante um ano inteiro, ao embaraço que há nesse falo, e para o qual ele se inventa toda uma série de equivalentes diversamente escoiceantes, sob a forma da fobia de cavalos”*⁶

Aqui Lacan falou de *um corpo* e o real já é o real que ex-siste.

Falar de ex-sistencia é falar de um fora de, fora da ordem dos lugares, exclui radicalmente o sentido.

4 Lacan Jacques, O mal entendido. Opção Lacaniana 72, pág11

5 Lacan Jacques, O Seminário, livro IV, A relação de objeto, Jorge Zahar Ed, 1995, pág. 231.

6 Lacan Jaques, O seminário, RSI, 1974-1975, inédito, aula 17 de dezembro de 1974.

Na Conferência em Genebra sobre o sintoma novamente em uma discussão com Freud, Lacan recorreu a este caso para evidenciar isto que ele disse posteriormente, tão claramente, aos americanos. Em Genebra Lacan deu a Freud o crédito da descoberta de que os sintomas tinham um sentido que revelava algo desse encontro com o que Freud chamou de realidade sexual. Contudo Lacan se serviu do caso Hans para discordar de Freud em um ponto no qual ele nos revelou esta ex-sistencia que ele explicitou na Conferência aos americanos. Ele disse que Freud *“acreditou poder enfatizar, notadamente, o termo autoerotismo, tendo em vista que essa realidade sexual a criança descobre, inicialmente, em seu próprio corpo.”*⁷

*“Só há necessidade de saber que, em certos seres, assim chamados, o encontro com a própria ereção não é absolutamente autoerótico. É o que há de mais hétero.que esse pobre pequeno Hans só pensa nisso- encarná-la em objetos que são o que há de mais externo, isto é, naquele cavalo que relincha, que dá coices, que salta, que cai no chão. Esse cavalo que vai e vem, que tem um certo modo de deslizar ao longo do cais, arrastando sua charrete, é o que há de mais exemplar para ele daquilo que tem que enfrentar e sobre o qual não entende exatamente nada, graças ao fato, sem dúvida, de que ele tem um certo tipo de mãe e um certo tipo de pai. Seu sintoma é a expressão, a significação, dessa recusa”.*⁸

Podemos considerar que sintoma como expressão de uma recusa explícita a impossibilidade, algo de real do sintoma, o radical desconhecimento de Hans em relação ao gozo de seu *wiwimacher*, que o traumatiza.

A referência a um certo tipo de pai e um certo tipo de mãe fala da singularidade de uma contingência a que Lacan se referiu quando desenvolveu no seminário RSI uma nova versão da metáfora paterna.

7 Lacan Jacques, Conferencia em Genebra sobre o sintoma, em Opção Lacaniana23, pág 10

8 Idem

MESAS SIMULTÂNEAS
MESA 3 - UM SABER FAZER COM O
GOZO SINTOMÁTICO

Coordenação – Ordalia Junqueira (EBP/AMP)

NO RASTRO DO DELÍRIO: O QUE QUER DIZER O MENTAL?¹

Janayna Araujo Costa Pinheiro

Na experiência clínica, é possível constatar que não há ninguém em harmonia com sua natureza. Há uma distância entre o “em-si” e o “para-si”. A psicanálise diz algo sobre o “em-si”, “é seu gozo, é seu mais-gozar”. Lacan tinha a expectativa de que na experiência analítica seria possível “ao homem reunir-se a seu em-si e elucidar o mais-gozar em que reside a sua substância”. Considerava também que a falha, que faz com que o homem seja doente, é caracterizada pela ausência da relação sexual. Em seu entendimento essa doença era inevitável, e “nada poderia preencher ou curar a distância de um sexo ao outro; que cada um, como sexuado, encontra-se isolado do que quisermos considerar como seu complemento” (MILLER, 2011:30).

Nesses dois últimos anos, a noção de distância, provocada pelo advento da pandemia do COVID-19, mais precisamente pela necessidade de isolamento ou distanciamento físico, emergiu na clínica com diversos sentidos e nos desafiaram, estando nós também inseridos e submetidos ao mesmo contexto social. A demanda por uma “saúde mental” cresceu, sendo considerada uma prioridade para manutenção da vida.

No entanto, a noção de saúde escapa ao entendimento da ciência e a terapêutica que se propõe recuperar a saúde mental é inválida. Nas palavras de Georges Canguilhem, tendo Kant como referência para tal consideração, diz “não há ciência da saúde. (...). Saúde não é um conceito científico, é um conceito vulgar. O que não quer dizer trivial, mas simplesmente comum, ao alcance de todos” (CANGUILHEM, 2005:37). Se a ideia de saúde pode ser vulgar e complexa, o que seria o mental?

“Todo mundo é louco, isto é, delirante.”² é considerado por Miller uma orientação. A nota que ele escutou tornou-se inseparável da questão *De onde?* (MILLER, 2007-2008:185). Miller considera como eco da resposta dada por Lacan à questão “Que sou Eu?”, quando cita um verso de Paul Valéry³ para dizer do lugar dito do Gozo. Lacan precisou fazer aparecer o espaço amorfo, no qual inseriu o “J” - [*de jouissance*] -, para sustentar a ideia de que o gozo não pode

1 Texto produzido a partir do Cartel sob a Rubrica: *Clínica: teorias e práticas*, Tema geral: *Da psicopatologia à singularidade - sutilezas analíticas*, Livro: *Perspectivas dos escritos e outros escritos de Lacan* (MILLER, 2011). 22/07/2020 - 21/07/2022.

2 Conferir em carta escrita por Lacan destinada ao departamento de Psicanálise da Universidade de Vincennes Paris VIII, em 22/10/1978. Disponível em *Ornicar?* Nº 17/18, 1979, p. 278.

3 Conferir nos *Escritos*, em “Subversão do sujeito e dialética do desejo” (1969), a citação de um verso do *Esboço de uma serpente*, “Sou no lugar de onde se vocifera que “o universo é uma falha na pureza do Não-ser”” (LACAN, 1998:834).

ser aprisionado no lugar do objeto α . Esse lugar não diz respeito a um espaço métrico. No entanto, para que haja lugares é preciso distância, ressalta Miller (2011:78). A distância é revelada antes pelo sentir,⁴ e não é necessariamente quantificável.

A obra *Através* (1983-1989) do artista Cildo Meireles, ajuda a expor como o sentir pode revelar a distância, ou ainda acompanhar um rastro de uma idéia. Ele diz:

[...] quando abri uma encomenda, amassei o celofane e joguei-o no lixo. Peguei o lápis e voltei ao que estava fazendo. Nesse momento, comecei a ouvir um barulho. Era o celofane que estava se movimentando. (MEIRELES, 2009:275)

Algo foi para o lixo e voltou sonoro. Para o artista, esse é o momento inaugural da obra. A obra? Ela tem no centro uma esfera de papel celofane com aproximadamente um metro de diâmetro. Em torno da bola de celofane, organizados sobre o piso ou pendurados no teto, estão mais de cinquenta elementos⁵ comumente usados para impedir a passagem de corpos. Esses elementos funcionam como um sistema de fronteira e impregnados de significados do mundo cotidiano, assumem *status* de matéria e símbolo. O contorno da obra é impreciso, apesar dos diversos elementos de demarcação de espaço. Os objetos, dispostos na forma de um labirinto, tem em comum o atravessamento total ou parcial do olhar, suspendendo essa carga de interdição. A obra, que ocupa uma área de 150 metros quadrados de cacos de vidros espalhados no chão,⁶ faz com que o deslocamento seja sonoro.

Através (1983-89) faz referência a uma localização espaço temporal, de passagem. Indica, sem muita precisão, um deslocamento de algo/alguém em algum espaço/tempo em meio a uma série de obstáculos. Dentre eles, a dura forma do topos, a disposição e a sobreposição dos elementos na obra, exigindo uma experiência sensorial que acontece “de lado; por dentro; por; no decorrer de; por meio de” (HOUAIS, 2009) um corpo. Semelhante a um labirinto, *Através* provoca a participação ativa de um corpo para abarcar seu singular sistema de fronteira e recorre aos dispositivos sensoriais sem reclamar a dominação do olhar. Essa experimentação em um corpo humano por meio da vibração do ruído que produz e ecoa, o que o conscientiza e alonga sua dinâmica no espaço, pode levá-lo a um universo sonoro íntimo e pessoal. Lançando-o aos próprios devaneios e expondo-o a outra interdição, o embate com a própria fragilidade da vida.

No âmbito da psicanálise, podemos aproximar essa experiência à ideia de opacidade, ela faz a atmosfera da análise. Tenta-se dizer o que *não está* claro. E, como em “um labirinto de contradições” (MILLER, 2011:142), a distância pode ser sentida sem aprisionar o gozo.

Referências Bibliográficas:

4 STRAUS, Erwin. *Du sens, des sens*. 1935, p. 616, *apud* DIDI-HUBERMAN, 1998:161.

5 Os elementos são: rede de pesca, voal, vidro blindado, papel vegetal, venezianas, cercas de jardim, portões de madeira, grades de prisão, treliças de madeira, cerca de ferro, mosquitoireiro, barreiras policiais, aquário, peixes transparentes, redes para quadra de tênis, estacas de metal, arame farpado, correntes, barras de prisão, telas de galinheiro, cordões de proteção para obras em museus, bola de celofane, cacos de vidro.

6 Cildo Meireles, *Através*, 1983-89, materiais diversos, 600x1500x1500 cm. Medidas da Instalação em Inhotim, BH. Conferir em <https://www.inhotim.org.br/item-do-acervo/atraves/>

- CANGUILHEM, G. A saúde: conceito vulgar e questão filosófica. In: *Escritos sobre a Medicina*. RJ: Forense Universitária, 2005.
- DIDI-HUBERMAN, G. *O que vemos, o que nos olha*. Tradução: Paulo Neves. SP: Ed. 34, 1998.
- HOUAISS, A. & VILLAR, M. de S. Dicionário Houaiss da língua portuguesa. RJ: Objetiva. 2009.
- LACAN, J. Subversão do sujeito e dialética do desejo. In: *Escritos*. RJ: Jorge Zahar Ed., 1998.
- MEIRELES, C. *Cildo Meireles*. (Org. Felipe Scovino). RJ: Beco do Azougue, 2009.
- MILLER, J-A. *Todo mundo é louco*: Curso da Orientação Lacaniana III, 10, 2007-2008. Tradução não revista pelo autor. 2007-2008.
- MILLER, J-A. *Perspectivas dos Escritos e Outros escritos de Lacan*. RJ: Zahar, 2011.

A CRIANÇA DO OLHO

Renato Carlos Vieira
(EBP/AMP)

Em a *História da sexualidade I*: a vontade de saber, Foucault aborda as transformações sociais e a importância da norma na vida do homem moderno.

O homem ocidental aprende pouco a pouco o que é ser uma espécie viva num mundo vivo, ter um corpo, [...] deveríamos falar de 'biopolítica' para designar o que faz com que a vida e seus mecanismos entrem no domínio dos cálculos explícitos, e faz do poder-saber um agente de transformação da vida humana; [...] o homem moderno é um animal, em cuja política, sua vida de ser vivo está em questão (1, p.134).

As Políticas de Estado atuam no corpo coletivo mediante o discurso do bem-estar e do interesse público. Com efeito, o gozo de cada ser falante resiste e escapa a tal domínio.

[...]. 'o primeiro Lacan [...] começou situando o corpo na ordem imaginária, como corpo especular, o do estádio do espelho: a libido circulando entre α e α' como libido do eu. No inconsciente, ele não fazia intervir o corporal, senão como simbolizado. [...] simbolizado quer dizer mortificado. [...] pelo significante. [...] Então, a conversão de perspectiva que é necessário enfrentarmos é que o essencial não é que o significante tenha um efeito de mortificação sobre o corpo, é que o significante tem uma incidência de gozo sobre o corpo. [...]. (2, p. 79 -88)

Na Orientação Lacaniana a singularidade diz do modo de gozo que conduz um ser falante a responder, de forma única e inclassificável, por sua posição subjetiva frente aos acontecimentos e contingências vivenciadas no mundo. A singularidade diz de um real sem perder de vista a pluralidade do contexto normatizante que o cerca.

São os acasos que nos fazem ir a torto e a direito, e dos quais fazemos nosso destino, pois somos nós que o traçamos como tal [...] porque falamos. Acharmos que dissemos o que queremos, mas é o que quiseram os outros, mais particularmente nossa família, que nos fala. [...] Somos falados e, por causa disso, fazemos, dos acasos que nos levam, alguma coisa de tramado. (3, p. 158).

Nos "Três ensaios sobre a teoria da sexualidade infantil" Freud fala dos fundamentos da desvinculação do biológico com o sexo: sexual é diferente de genital (4, p.150). Para o ser fa-

lante desejo e gozo não se reduz à função biologizante. Logo, a questão sexual é irreduzível ao ter ou não ter o falo. Para gozar é preciso um corpo vivo e não apenas um corpo simbolizado e mortificado pelo significante.

Louis Althusser afirma ser a criança do olho, sem contato, sem corpo. Como ele não sentia em si nenhum corpo, não tinha sequer de se proteger de um simples contato com a matéria das coisas ou do corpo das pessoas (5, p.189 – 190).

Com efeito, gozar de um corpo é pôr em função uma outra forma de substância, a substância gozante. “Propriedade do corpo vivo, ..., nós não sabemos o que é estar vivo, senão apenas isto, que um corpo, isso se goza”. (6, p.35)

Lacan reconfigura o lugar que o nome-do-pai ocupa na estruturação do sujeito e subverte o caráter binário na nosografia clínica psicanalítica. Assim, o complexo de Édipo perde o seu valor de elo entre normalidade e psicopatologia. Logo, “é possível dizer que o nome-do-pai não é mais um nome próprio, mas um predicado definido na lógica simbólica”. (7, p.409)

A psicanálise descola da função normatizadora ao constatar que “a unificação das pulsões sob o primado dos órgãos genitais erigidos como norma da diferença dos sexos jamais se efetua, nem na criança nem no adulto”. (8, p. 51). Assim, Miller é categórico ao dizer que “o real do laço social é a inexistência da relação sexual. O real do inconsciente é o corpo falante”. A ordem simbólica não comanda o real do sexo (2, p.134-135).

O futuro dura muito tempo

O filósofo Althusser, autor de “Freud, Lacan e Marx”, foi batizado com o nome de Louis. Nome que sempre odiou por se sentir o substituto do verdadeiro amor de sua mãe, Louis, irmão de seu pai, que morreu a bordo de seu avião. Sua trágica loucura reflete a dramática história do casamento de seus pais. Charles Althusser, irmão de Louis, era noivo de Juliette Berger (irmã de Lucienne). Após a morte de Louis as duas famílias decidiram que Charles se casaria com Lucienne.

[...] A ‘loucura’ de tal casamento residia não tanto na obediência a uma tradição interiorizada do levirato, e sim no excesso do próprio ato, que ultrapassava a referência à lei. Com efeito, nada obrigava o irmão mais velho a desposar a viúva do caçula falecido, ...” (9, p.406).

Para Althusser, o seu pai não foi suficiente para ele. “[...] não tive pai, e brinquei indefinidamente de ser o ‘pai do pai’ para me dar a ilusão de ter um, na realidade, para atribuir-me o papel de um pai em relação a mim mesmo, já que todos os pais possíveis ou encontrados não podiam desempenhar esse papel”. (5, p.153).

Ele se casa com Hélène Ritmam, judia de origem russa, oito anos mais velha. O amor que ela lhe inspirou nutre seu sentimento de autoacusação, repulsa e mortificação. Em 16 de novembro de 1980, após estrangular Hélène, Althusser é internado num hospital psiquiátrico

e vive durante anos a trágica condição de inimputável pelo crime que cometeu e recebe o benefício da impronúncia, mas não se resigna ao silêncio. A impronúncia, diz Althusser, possui vantagens: protege o acusado, julgado não responsável por seus atos. Ela também dissimula perigosos inconvenientes, que são menos conhecidos. “[...] O destino da impronúncia é na realidade a pedra sepulcral do silêncio”. (5. p. 25). Todavia, ele quebra o silêncio ao publicar sua autobiografia e explicar publicamente o seu ato insano.

Seu testemunho autobiográfico foi movido por uma frase que toca o cerne de sua questão: ‘O que eu não aprecio em você é que você queira a todo o custo se destruir’” (5, p.91). Frase que reaviva sua memória e descortina sua fantasia inconsciente:

[...] queria a todo custo me destruir, pois, desde sempre, eu não existia (5, p.243). [...] E em mim a morte estava inscrita desde o início: a morte daquele Louis, morto atrás de mim, que o olhar de minha mãe fixava através de mim, condenando-me àquela morte que ele conhecera nos altos céus de Verdun e que ela não cessava de sentir compulsivamente em sua alma e na repulsa daquele desejo que eu realizava incessantemente (5, p.243). [...] fui por muito tempo, um tanto voyeur. [...]. Eu era, assim, a criança do olho, sem contato, sem corpo, pois é pelo corpo que todo contato passa. (5, p. 189)

O testemunho não absolve Althusser da morte de Hélène. Seu escrito remove a pedra sepulcral da impronúncia e a criança do olho, sem corpo, torna-se capaz de contornar seu trauma inaugural. O enigma da loucura não se resolve com a norma. Ele é cingido pela verdade mentirosa que permite a Althusser atravessar seus aparelhos ideológicos e reaparecer para dizer que a criança do olho foi capaz de ver, compreender e concluir que a luz de cada instante é um presente. Em resumo, de sua *história* ele extrai aquilo que o reconcilia com os exageros de sua vida para responder por seu ato insano.

Pelo exposto, conclui-se com Lacan que a realidade do inconsciente é sexual (10) e o gozo substância - mistério da sexuação - não se trata pela norma social e sim via o real, que é o mistério do inconsciente (6).

Referências Bibliográficas:

- FOUCAULT, M. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. RJ: Ed. Graal, 1985 (1)
- MILLER, J-A. *O osso de uma análise + O inconsciente e o corpo falante*. RJ: Zahar, 2015 (2)
- LACAN, J. *O sinthoma*. RJ: Jorge Zahar, 2007 (3)
- FREUD, S. *Três ensaios sobre a sexualidade infantil*. RJ: Imago Editora, 1984 (4)
- ALTHUSSER, L. *O futuro dura muito tempo*. SP: Companhia das Letras. 1992 (5)
- LACAN, J. *Mais, ainda*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985 (6)
- MILLER, J-A. *Efeito do retorno à psicose ordinária*. In *A psicose ordinária / Maria do Carmo Dias e Sérgio Laia*. BH: Zahar, 2012 (7)
- DAVID-MÉNARD, M. *Deleuze e a psicanálise*. RJ: Civilização Brasileira, 2014 (8)

ROUDINESCO, E. *Jacques Lacan: esboço de uma vida, história de um sistema de pensamento*. SP: Companhia das Letras, 2008 (9)

LACAN, J. Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. RJ: Jorge Zahar, 1985 (10)

MESAS SIMULTÂNEAS

MESA 4 - MODOS DE GOZO NAS PAR- CERIAS

Coordenação – Juliana Bressanelli

O GOZO FÁLICO E O GOZO FEMININO ENQUANTO EX-SISTENTES

Rodrigo Oliveira dos Santos

Para Miller (2002, 2013), no último ensino de Lacan, emerge uma verdade que é tipo nó. Isso se dá por se falar, por ser preciso o corpo, mas há “alguma coisa que é não-sentido ao sabor tanto do simbólico como do imaginário” (Miller, 2002, p.10). Se há o simbólico pondo em ação a função do campo da fala e da linguagem, há também o imaginário, pois a análise funciona na dimensão do corpo. Além disso, há o real, o que não tem sentido, pontua Miller (2002, 2013).

Miller (idem) entende que o conceito de ex-sistência foi esboçado no ensino de Lacan através do matema S ($\mathcal{A}$). Se no primeiro tempo desse ensino há o Outro, num segundo tempo há o seu desmoronamento. O $\mathcal{A}$ escreve a posição daquilo que se põe de fora do que acaba de desmoronar, um significante fora do Outro. Então, “a expressão ex-sistência é sempre correlativa a uma saída para fora de” (Miller, 2002, p.10). No terceiro tempo do ensino de Lacan, diante da inconsistência do Outro, subsiste um significante que não tem como se inscrever. S ($\mathcal{A}$) é a matriz da posição da ex-sistência, a qual designa o fundamento do real ser sem lei, correlativa à inexistência do Outro, a um furo ao qual ex-siste alguma coisa, pontua Miller (2002, 2013).

Para Miller (idem), se a essência está no campo de uma forma dotada de significação, a ex-sistência é o informe, que foi representado pelo objeto a . Assim, há “uma divisão do ser, uma divisão entre o sentido e a ex-sistência” (Miller, 2002, p.13). A existência se realiza no atravessamento da ordem das causas e do sentido da cadeia significante; enquanto acesso a um real, ex-siste ao sentido e põe o ser à prova. Miller (2002, 2013) questiona, como um impasse lógico, se a ex-sistência estaria em condições de fundamentar o real, pois, nesse caso, o real permaneceria sob a dependência dos semblantes se manifestando sob a forma do impossível.

Isso posto, os três termos do último ensino de Lacan – o furo que caracteriza o simbólico, a ex-sistência enquanto traço do real e a consistência reconhecida no imaginário – encontram-se igualmente ligados, mas de modo diferente em cada uma das três argolas do nó. Ao se decompor cada argola, os três termos também se encontram em cada uma delas, afirma Miller (idem). É aí que Mandil (2020) destaca que além do furo no simbólico, a ex-sistência também se estende às relações do imaginário e do real e que o gozo fático se encontra fora do corpo.

A masturbação é o modelo do gozo masculino: autoerótico, no qual o órgão é identificável. Mas Miller (2015) entende que ela se produz com um sentimento de fora-do-corpo, pois o

corpo próprio se revela também como corpo do Outro no momento do gozo. Assim, o gozo fálico produz-se enquanto ponto de exceção.

Como ponto fora do corpo, o pequeno a é unidade de gozo, separável e contabilizável. Para Miller (2015), mesmo Lacan acentuando que o a não é algo do significante, ele conserva sua forma ao poder ser localizável e girar nos discursos com os termos significantes. Assim, o parceiro sintoma do lado masculino tem a forma da fantasia e do fetiche, onde, de modo silencioso, exige-se da parceria um certo brilho no nariz, aponta Miller (2015).

Entretanto, Mandil (2020) destaca que a retomada dos registros do Real, Simbólico e Imaginário, sem a preponderância de um sobre o outro, na perspectiva dos nós, produz um recentramento do falo no Seminário 23, ao considerá-lo para além do sentido e da significação. Assim, Mandil (2020) questiona sobre quando o falo se manifesta no campo do real, encontrando-se ligado à produção da ex-sistência, e, então, o gozo fálico como ex-sistente a um real que faz furo. Como cada registro é uma argola, um furo ao qual ex-siste alguma coisa, Mandil (idem) articula que furo, ex-sistência e consistência se encontram tanto no Real, quanto no Simbólico e Imaginário.

Pensando o gozo fálico como ex-sistente, Mandil (2020) inclui um aspecto clínico atual: o uso indiscriminado de drogas capazes de assegurar a ereção masculina. Há aí um gozo que faz curto-circuito em relação ao desejo do Outro ao se prevenir um encontro com o real do corpo. Com o uso indiscriminado da droga, há também uma recusa em verificar o real através do falo, no sentido de incluir no gozo fálico aquilo que dele ex-siste em relação ao corpo próprio.

Miller (2008, 2015) entende que distintamente do gozo fálico, o gozo feminino se produz no corpo não enquanto um ponto fora do corpo, pois o corpo mesmo se converte como fora. Assim, se o gozo está contido no corpo próprio, esse corpo é outro para o sujeito, que pode experimentar fenômenos estranhos de abertura e ilimitação, pontua Miller (2015).

Miller (2015) destaca que no gozo feminino o amor é tecido no gozo; é fundamental que a parceria seja $\bar{A}$, que lhe falte alguma coisa e que essa falta faça falar. A ilimitação desse modo de gozo tem a forma *erotomaníaca*, percebida na demanda de amor que comporta um caráter absoluto e uma visada ao infinito. Essa ilimitação está além de tudo o que se pode trocar materialmente e se oferecer como prova para que o Outro ame. Isso pode retornar sob a forma da devastação, pontua Miller (2015).

Murta (2022) afirma que os dois lados disjuntos da sexuação — masculino e feminino —, apontados por Lacan no Seminário 20, não podem ser pensados em separado. Ambos são da ordem da ex-sistência, que é correlativa a uma saída para fora de.

Para Murta (2022), os poemas místicos relatam a indizível e inefável experiência do êxtase no modo de gozo feminino, que se manifesta como desaparecimento do corpo próprio. Aqui não se encontra apenas um ponto fora do corpo, como no gozo masculino, pois, como apontou Miller (2008), no gozo feminino, o corpo mesmo se converte como fora do corpo.

Murta (2022) destaca que a linguagem não é capaz de traduzir e sustentar essa experiência espiritual que excede ao sentido, que escapa à referência corporal, onde há uma desfalicização que produz o arrebatamento do corpo.

Referências Bibliográficas

MANDIL, Ram. Disciplina do comentário. 2020. Disponível em: <https://www.ebp.org.br/disciplina-do-comentario-ram-mandil-e-bp-amp/> Acesso em: 15 de jul. 2022.

MILLER, J.-A. A ex-sistência. In. Opção lacaniana, n. 33, jun. São Paulo: Eólia, 2002.

MILLER, J.-A. El parternaire-síntoma. Buenos Aires: Paidós, 2008.

MILLER, J.-A. El lugar y el lazo. Buenos Aires: Paidós. 2013.

MILLER, J.-A. O osso de uma análise + O inconsciente e o corpo falante. Rio de Janeiro, Zahar, 2015.

MURTA, Cláudia. Sexuação e mística. 2022. Disponível em: <https://www.ebp.org.br/slo/index.php/2022/07/02/sexuacao-e-mistica/> Acesso em: 15 de jul. 2022.

MESAS SIMULTÂNEAS
MESA 5 - O EVENTO SEXUAL
NA CONSTRUÇÃO DE UM CORPO

Coordenação - Fábio Paes Barreto (EBP/AMP)

O CORPO ROUBADO NA PSICOSE

Fabiana Engel Fratari

“Deito-me junto a ela, a seu corpo impenetrável.

(...) Depois aos gritos, ela me insultou, suplicou, implorou que a pegasse e largasse ao mesmo tempo, acossada, procurando fugir do quarto, da cama, voltando para fazer-se capturar, sabida, e não houve mais diferença entre ela e Tatiana Karl, exceto em seus olhos isentos de remorso e na designação que fazia de si mesma – Tatiana, quanto a ela, não se designa pelo nome -, e nos dois nomes que ela se dava: Tatiana Karl e Lol V. Stein.” (Duras, 1986, p.142/143)

Erik Laurent no texto *El sofisma de Lol V. Stein* diz que o arrebatamento é a “expulsão do sujeito do seu corpo, ao mesmo tempo em que este assiste esse movimento e se encontra contaminado por ele”. Foi essa exclusão do sujeito de seu próprio corpo que me levou a pensar o arrebatamento na clínica nodal. Como é constituído o nó no arrebatamento?

O caso de Lol V. Stein, de Marguerite Duras, ela sofre o “roubo” de seu noivo, ela é arrebatada na cena do baile. Qual elemento que se soltou ou algo de sua estrutura já indicava uma falha? Onde é feito o desenlace diz respeito à estrutura. Lol tem “um corpo particular, um corpo que tem uma superfície estranha, posto que esse corpo, diz Lacan, é um envelope que não tem nem dentro nem fora, e quando a costura de seu centro é virada para baixo, todos os olhares se voltam para o vestido.” (Laurent, Erik. 2000) A figura que Laurent se refere é o chapéu do bispo que traz em si a banda de moebius e a dificuldade de localizar o fora e o dentro. É uma superfície não direcionável.

Lol desde nova fora de certa forma estranha. Parecia não estar presente. Era cortejada, mas “*escapava das mãos como água*”. Sua amiga de infância, Tatiana, acreditava que na verdade era seu coração que não era presente. Era alegre e divertida, “*embora uma parte dela estivesse sempre desligada, longe do interlocutor e do momento*”. Não apresentava dor ou angústia por nada, também não se envolvia, estava lá, sem essência própria. Parecia habitar um lugar vazio, de silêncio, onde as palavras ou imagens não a alcançavam. Se apaixonou pelo noivo e Tatiana não entende o que aconteceu para isso ou se ela “*pretendia apenas uma situação estável para seu coração inacabado*.” As palavras também lhe faltaram na cena do baile. Ficou em silêncio, no mesmo lugar, observando, capturada pelo casal. Também não expressou dor, raiva ou sofrimento, no baile ou nos dias que se seguiram. Após o silêncio, vieram os gritos, porém nenhuma palavra ou alguma coisa que indicasse uma tentativa de elaboração.

No entanto, algo acontece em sua estrutura quando seu noivo, Ihe é arrebatado por uma mulher de vestido preto. Numa nota de tradução do texto *Homenagem a Marguerite Duras* de Lacan, na pg. 200, esclarece a conexão entre o roubo do amante e o vestido. A nota diz que no francês há uma conexão fonética do amante roubado (dérobé) de Lol e o vestido (robe), o arrebatamento é o próprio roubo. Quando finda o baile e o casal sai, ela grita e implora para que fiquem, dizia “*que não era tarde, que a hora de verão enganava*”, frase que repetirá muitas vezes nos dias subsequentes. Quando por fim o casal sai, ela desmaia.

Ela se casa, se muda de cidade, tem filhos e volta. Cria rotinas rigorosas e tem uma certa vida social, preservando o seu não estar totalmente presente. Foram dez vivendo uma vida pura “*cópia de revista*”. É quando ela vê de relance na rua uma amiga de juventude acompanhada de um homem que algo reaparece. Segundo Lacan esse encontro “não é o acontecimento, mas um nó que se reata aí. E o que é atado por esse nó é propriamente o que arreбата.” (LACAN 2003, p. 199) Esse encontro fez uma conexão em Lol que não tinha tido durante 10 anos com nada e nem ninguém. A função do semblante para Lol, antes do baile e mesmo depois, não parece dar peso a ela. Só permite ela “está aí” e passar pela vida sem grandes problemas, de forma errante. Esse vazio que Ihe acompanha, esse corpo que parece ser uma casca é uma falha imaginária ou ausência do real que deixa o par imaginário e simbólico formar um semblante volúvel que vaga como um fantasma à procura de um corpo para vesti-lo? “O corpo longo e magro da outra mulher estaria aparecendo pouco a pouco. Em sua progressão rigorosamente paralela e inversa, Lol teria sido substituída por aquela mulher, (...) à medida que o corpo da mulher aparece a esse homem, o seu apaga-se.” (DURAS, p. 36)

Lacan na discussão do caso de Mademoiselle B. diz:

“Ela não tem a menor ideia do corpo que ela tem para colocar dentro deste vestido. Não há ninguém para habitar a vestimenta. Ela é esse pano. Ela ilustra o que eu chamo de semblante. (...) Pode-se chamar isto de uma parafrenia. (...) é a doença mental em sua excelência. (...) Não é uma séria doença mental observável, caracterizada (...): Ela vai fazer parte do número destes loucos normais que constituem nosso ambiente. (...) Pode ser que ela se cristalize em uma doença mental caracterizada. Neste momento é inapreensível.”

Lol seria um caso de parafrenia? Podemos pensar na construção do semblante procurando se fazer um corpo já que Ihe falta o real? Lol não é uma psicótica bem caracterizada, fica no ar esse desencadeamento. Se mantém relativamente estável em sua estranheza. É uma psicose ordinária, nos termos atuais, que passa despercebida? No texto, *El Cuerpo robado*, Nieves Soria faz essa aproximação entre a parafrenia e o caso de Lol V. Stein. Segundo a autora, a fantasia suspensa de Lol é realizada no jogo de vestir e despir, assim ela constrói seu corpo com o corpo nú de Tatiana. “o vestido se converte em um equivalente do amor. (...) Se trata nesse caso do amor como vestido para um corpo que não está. Quando Lol perde o vestido perde o corpo.” Essa vacuidade de Lol se manifesta nas imitações sem nenhum traço singular, imita a qualquer um, o maior número possível de pessoas.

Soria destaca que “o secretario do alienado, deve perder seu nome, para poder alojar a ausência de nomeação em que se encontra aprisionada a subjetividade psicótica.” Hold assume essa posição angustiante por estar capturado por Lol. Ele se perde como sujeito para viver a fantasia de Lol no jogo com Tatiana, mantendo a relação a três, condição exigida por Lol. Essa solução de Lol é bem precária, já que se ancora na manutenção do casal mais Lol, formando o ser a três. Se esse par se desfaz há o desencadeamento, caracterizando uma psicose ou ela volta na vida errante como um fantasma em busca de um corpo e fazer existir a relação sexual.

Como construir um corpo no caso de uma parafrênica que tende a vagar? São os desafios que os analistas tendem a encontrar em sua clínica com psicóticos dessa natureza, se colocarem como objeto para que algo possa ser construído a partir disso e não se colocarem como a solução, como fez Hold angustiado, que tenta ser a solução e não ajudar na construção da ponte desse saber, ele assume o lugar da própria ponte preste a ruir.

Referências Bibliográficas:

- DURAS, Marguerite. O Deslumbramento (Le ravissement de Lol V. Stein). 1986. Rio de Janeiro. Nova Fronteira.
- LAURENT, Erik. El Sofisma de Lol V. Stein. 2000. (tradução livre)
- LACAN, Jacques. Homenagem a Marguerite Duras_, Outros Escritos. 2003. Rio de Janeiro. Jorge Zahar.
- LACAN, Jacques. O caso de Mademoiselle B. Associação Psicanalítica de Porto Alegre, ano IV, n. 9 – novembro de 93.
- TEIXEIRA, Antônio; Rosa, Márcia. Psicopatologia Lacaniana Vol. 2. Nieves, Soria. A Parafrenia, uma doença da mentalidade. 2000. Belo Horizonte. Autêntica.
- SORIA, Nieves. El Cuerpo robado. El arrebató de Lacan, del texto literário al texto clínico. (tradução livre)

UM SEXO SEM A REGULAMENTAÇÃO FÁLICA

Mário Batista S. Neto

O sexo na psicose – esse é o terceiro eixo de investigação e pesquisa sobre O Mistério da Sexualização, tema da III Jornada da EBP SLO. No argumento desse, Romulo Ferreira traz importantes contribuições para pensarmos sobre as invenções singulares na constituição da vida sexual dos psicóticos e como isso se dá para além dos limites fálcos, sem presença da fantasia fundamental.

Enquanto os neuróticos se situam no mundo a partir de uma falta estrutural referente à linguagem, na psicose, não há uma regulação falo orientada. O psicótico aparecerá no mundo dos falantes com a foraclusão da falta. A partir desses casos, como é possível fazer uma escuta e um manejo diferencial? Como pensar nos efeitos de quando um psicótico é convocado a responder de um lugar sexuado? Se as definições, homem e mulher atendem em parte a uma regulamentação fálca, como o psicótico se situa na partilha dos sexos?

Para exemplificar as possíveis consequências do sexo sem a incidência da significação fálca, iremos de um recorte de um caso clínico a elementos da arte na série Bates Motel, criada por Anthony Cipriano, ampliando a história da família Bates do filme Psicose, criado por Alfred Hitchcock em 1960.

Começaremos com uma vinheta clínica: o paciente que chamarei de Lucas, tem 27 anos, é gay, estudante de engenharia da computação. Chega ao consultório por conta de uma hipersexualização e pensamentos invasivos que nomeia de ‘segunda tela’. Ele relata que há sempre algo em segundo plano em sua cabeça, que não consegue controlar e que o faz pensar em atos sexuais com o próprio pai, professores, pais de amigos e com o analista. Não consegue se socializar, nem se manter no mundo do trabalho e, apesar de desejar, nunca teve uma parceria amorosa. “Não entendo e não sei fazer esses jogos de conquista”, relata. Um silêncio comparece durante a sessão, o paciente abaixa o rosto, muda o olhar, quando questionado sobre o que está acontecendo ele diz: estou imaginado fazendo sexo com você. Marco a impossibilidade: você direciona a sua sexualidade para lugares interditados.

Considerando essas desordens na “junção mais íntima do sentimento de vida no sujeito”, destacaremos as externalidades, em especial: a externalidade social. No texto Efeito do retorno à psicose ordinária, Miller (2010) fala: ‘Quando o sujeito não se ajusta, não no sentido da revolta histerica ou da maneira autônoma do obsessivo, mas quando existe uma espécie de fosso que constitui misteriosamente uma barreira invisível. Quando observam o que chamo de desligamento, uma desconexão.’

Lucas se atrai sexualmente por pessoas que estão numa posição de Outro. Num lugar que deveria estar barrado, ele fala de forma explícita sobre seus pensamentos sexuais com o próprio pai e com os pais de seus amigos. De tal forma que a metáfora paterna, que possibilitaria o sujeito sair desse engenho incestuoso via substituição dos objetos, não opera.

Do caso clínico, vamos para a ficção onde temos a série *Betes Motel*, que traz a história da recém-viúva Norma Louise Bates e seu filho de 17 anos de idade, Norman. Eles mudam-se do Arizona para Oregon, onde eles compraram um hotel, seis meses após “a morte acidental e repentina” do pai de Norman, Sam Bates. No desenrolar da trama, é revelado que o pai foi assassinado por Norman durante um de seus “apagões”.

Algo curioso pode ser observado já no nome dos personagens principais: Norma, a mãe, e Norman, o filho, separados por apenas uma letra. O engodo simbiótico, que impede a distinção simbólica entre mãe e filho, tem drásticos efeitos no campo do sexo para o filho. A ausência da metáfora paterna é explicitada nos delírios produzidos por Norman, sendo que a falta desse signifiante privilegiado e organizador, aparece nos surtos quando ele se confunde com a própria mãe, acreditando ser ela.

Sobre o pai de Norman, duas cenas chamam a atenção: a primeira, ele caído na mesa, debruçado em cima do próprio vômito, bêbado, inconsciente e sozinho. Um pai fraco, débil e inoperante. Em outra cena, o pai, acima da lei, aparece como abusador sexual da mãe, forçando-se e impondo-se violentamente sobre ela, que no momento do abuso segura na mão do filho para “protegê-lo” embaixo da cama.

Lacan (1966/1998), no texto ‘De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose’ diz: “a falta do Nome-do-Pai nesse lugar que, pelo furo que abre no significado, dá início à cascata de remanejamentos do signifiante de onde provém o desastre crescente do imaginário, até que seja alcançado o nível em que signifiante e o significado se estabilizam na metáfora delirante” (Lacan, 1988: 584). É possível observar na série uma tentativa de estabilização, pelo uso da metáfora delirante, quando Norman é invadido por um gozo outro, um “empuxo à mulher” e se transforma na mãe cruel e vingativa que o autoriza a cometer delitos.

Especificamente no encontro de Norman com o sexo temos a seguinte cena: Norman ferido por uma briga, caminha sozinho pela chuva. No trajeto para casa, a senhorita Watson, sua professora de inglês, lhe oferece carona e o leva para casa dela, para cuidar de seus ferimentos. Após isso, Norman observa a professora tirar a roupa por uma porta entre aberta e alucina. Sua mãe aparece em seu delírio dizendo que a senhorita Watson está o seduzindo. Então, nesse momento, quando convocado a lidar com o próprio corpo e com o sexo, ele se transforma em sua própria mãe, que por sua vez condena a professora por sua conduta “libertina e inapropriada”.

A desordem provocada pelas questões da sexualidade, o faz experimentar uma invasão de um gozo sem limites. Frente à impossibilidade de responder com a significação fálica, Norman pega o colar que a professora usava e a estrangula até a morte.

O sexo, sem a tela fundamental que emoldura a fantasia se tornou para Norman algo do insuportável, um gozo intrusivo. No momento em que ele é convocado a ocupar o lugar do homem que daria conta do desejo de uma mulher, e que se separaria assim do lugar de filho, irrompe o surto psicótico. A mãe aparece em seu delírio numa vertente superegóica com o imperativo: mate!

De forma similar, observados esse gozo intrusivo em Lucas, da vinheta clínica citada inicialmente. Imaginar-se no lugar da falta que é de onde o outro poderia lhe convocar e o faria surgir como sujeito alienado à um discurso, é algo do insuportável. O delírio sexual com o Outro surge com o imperativo: impossível!

Conforme constata Ferrari, (2009): “Há, no entanto, o Outro não barrado, imperativo, legislador, poderoso, com o qual todo ser falante se depara na vida. Lacan também chamava de Outro primordial a quem nada falta [...] Ele é condição de alienação do sujeito, e é com esse Outro que o psicótico é confrontado.”

O recorte ilustrativo cinematográfico, bem como a vinheta clínica, falam das marcas de um sexo atrapalhado pela falta de um dispositivo fálico. Essa temática nos provoca e convoca ao trabalho. Uma leitura dessa especificidade estrutural pode possibilitar sobre transferência bordejar, enlaçar e evitar desestabilizações.

Referências Bibliográficas:

- LACAN, Jacques. O seminário, livro 3: as psicoses (1955-1956). 2.ed. Versão Brasileira de Aluisio Menezes. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988. 366 p.
- MILLER, Jacques-Alain. Efeito do retorno à psicose ordinária. Opção Lacaniana online nova série Ano 1 • Número 3 • Novembro 2010 • ISSN 2177-2673
- LACAN, Jacques. (1966/1998a). De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose. (V. Ribeiro, trad.) In: Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- FERRARI, Ilka Franco: Acerca do amor e algumas de suas particularidades na psicose. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672009000300010. Acesso em 22 de maio de 2022.

MESAS SIMULTÂNEAS

MESA 6 - A PSICOSE ORDINÁRIA E O SEXO

Coordenação – Tania Mara Alves Prates

O HOR-SEXE COMO ÍNDICE DE LEITURA DA PSICOSE

Juliana Prado

Gostaria de compartilhar hoje com vocês o que pude alcançar em minhas leituras sobre o sexo nas psicoses.

Freud, em suas pesquisas, intuiu uma dissimetria da relação entre os sexos, Lacan a logificou e inventou uma espécie de neologismo para definir o ser sexuado e sua escolha subjetiva de assumir um sexo incluindo sua forma singular de gozo. A palavra que Lacan nos oferta é: *sexuação*.

Essa palavra: *sexuação*, implica que há um real enigmático e misterioso em jogo na sexualidade humana e isso não tem a ver com a realidade, não é dado pela anatomia, nem mesmo pelas identificações, e ainda, esse real não se apoia somente nos semblantes que vem do Outro para repartir os sexos. *“O atributo natural e o atributo simbólico da pertinência a um sexo através da identificação nada dizem de como um sujeito consente em se colocar na posição masculina e feminina”* (FRANCESCONI, 2014, p. 349).

Lacan em seu seminário 20, momento importante de sua teorização sobre a *sexuação*, aponta que é um equívoco pensar que o símbolo fálico seja suficiente para repartir os sexos apenas nas vias do tê-lo para o homem, e não tê-lo para a mulher, ou ainda, de ser ou ter o falo, numa tentativa de definir as identidades sexuais através do que pode ser simbolizável. (LACAN, 1962, p. 27)

Esse avanço de Lacan no que diz respeito ao símbolo fálico, nos permite discutir sobre a impossibilidade de um encontro entre um homem e uma mulher onde não ocorram equívocos, mal entendidos. Dito de outra maneira, o falo é apresentado a partir desse momento teórico como aquilo que media, mas, não somente media, ele também é obstáculo, ele é um símbolo que une mas, também desune.

Pensando a partir dessas considerações introdutórias, e resgatando nossa função aqui, vamos pensar que a psicanálise também nos demonstra como há sujeitos que tomam essa formulação da não relação sexual ao pé da letra, o que Lacan nomeia como *fora-sexo*. Até então pensamos o sexo na psicose como aquele não regulamentado pela lógica fálica, orientados pela ausência do Nome-do-pai, enquanto que nas neuroses encontramos a presença do mesmo.

O sexo nas psicoses

Existe angústia na psicose. Ainda no seminário 20 Lacan (1982) partirá do fantástico conto O Horlá, de Guy Maupassant - escrito em 1887 - onde o autor se vê perseguido pela presença invisível e enigmática de uma coisa apavorante que ele dá o nome de Horla, para cunhar a ética “hor-sexe”¹ do fora-sexo, algo que permanece fora mas também por perto. Lacan toma Horla como um neologismo, no francês *hors* designa fora, fora de, de fora, uma exterioridade, no exterior de; e o termo ‘lá’ se traduz por lá, acolá, ali. Esse termo o fisgou e ele mesmo nomeou como estranho, abrindo vias para evocar o que ao mesmo tempo que está ali também está fora. Ele assinala “*Horsexe, esse é o homem sobre o qual a alma especulou*” (p. 91). “*O sentimento de desapossamento, aliás, tem sido bastante marcado pelos clínicos na psicose. A especularização é estranha nele, ímpar, fora de simetria. É o Horla, de Maupassant, o fora-de-espaço, na medida em que o espaço é a dimensão do superponível*”. (LACAN, 1962, p. 135).

Um movimento expressivo e atual que podemos tomar como um exemplo do que Lacan nomeia como uma ética hor-sexe, são os *incel*’s que representam uma subcultura virtual onde se definem como incapazes de parcerias românticas ou sexuais, portanto adotam o que chamam de celibatário involuntário. Eles se reúnem em fóruns virtuais e compartilham entre si de seus mecanismos para o celibatário obedecendo a lógica do que podemos aprender com Lacan sobre o fora-sexo. Não é sem importância mencionar que há para esses celibatários uma exorbitância do tema do sexo para assim mantê-lo fora como uma exterioridade.

Ainda nesse contexto trago o artista plástico autodidata Macir que vive em Alto Paraíso, porta de entrada da Chapada dos Veadeiros; é apelidado como Nono e vive em isolamento, sua arte traz uma obsessão com o sexo e formas femininas exageradas. Em seu documentário ‘Moacir Arte Bruta’ no canal do youtube há afirmações de que o artista nunca teve contato com o sexual, ou mesmo com o corpo feminino nú e ainda assim os atenua em suas pinturas.

Quarta externalidade

Para abrirmos um pouco mais as vias de elaboração sobre o sexo na psicose podemos retomar o que Miller (2008) aponta como ‘*uma desordem no ponto de junção mais íntimo do ato sexual, pois geralmente a encontramos*’. (p. 426). Ele diz: ‘*a sexualidade não é típica. Não há vida sexual típica. Nos homens há, às vezes, um empuxo-à-mulher pelo ato sexual. Às vezes há, ao contrário, uma sexualidade que permite se reapropriar do corpo. Às vezes, o corpo se fragmenta. Não há nada específico*.’ (MILLER, 2008, p. 426)

Miller (2008) aponta para uma quarta externalidade, a do sexual. Usando a mesma lógica das outras três externalidades mencionadas neste texto, a social, a corporal e a subjetiva; podemos entender a questão dos extremos como índices importantes para a escuta clínica do sexo na psicose.

1 Em algumas traduções o termo aparece também como exsexo.

A Convenção de Antibes (Miller, 2008) traz algumas ilustrações, destaco o tópico sobre o encontro com um gozo enigmático de uma moça que fora atendida no momento de sua hospitalização que se seguiu após um acesso delirante. É um caso que nos interessa devido a circunstâncias particulares de um desencadeamento psicótico sem antecedentes psiquiátricos. O episódio psicótico começa logo após uma primeira relação sexual, que ela descreve como uma invasão do corpo por uma sensação estranha, ela se sentia desde então, manipulada fisicamente por seus vizinhos. Nota-se no relato, um encontro com um gozo enigmático com a falta da significação fálica, e então o desencadeamento como resposta da forclusão do Nome-do-pai e desprovimento do simbólico. (p. 35)

Para concluir, é preciso recordar que cabe ao analista em exercício clínico recolher e interpretar a cada caso esses que podem ser índices que apontam para as psicoses, e ainda, destacá-los das soluções contemporâneas para o sexual de cada sujeito em sua singularidade.

Referências Bibliográficas:

- Machado, Ondina. Ribeiro, Vera. L.A, org (2014). Um real para o século XXI. Verbete: Sexuação. Belo Horizonte: Scriptum. P. 349.
- Miller, J.-A. (2012[1998]). *A psicose ordinária: a convenção de Antibes*. Belo Horizonte: Scriptum Livros, 2012, p. 35 e p.426.
- Lacan, Jaques.(1982[1972-1973]) O Seminário, Livro 20, Mais, ainda. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1982. P. 175.
- Lacan, Jaques. (1962-1963/2004).O Seminário, livro 10. A Angústia. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. P. 27

A FORACLUSÃO E SEUS DESTINOS: NO AMOR E NO SEXO

Henrique Alves Lopes

Não havendo o recurso do limite edípico do gozo nas psicoses, há, portanto, uma função que por estrutura não está habilitada nestes casos, pois, “onde o Nome-do-Pai está foracluído, o que se foraclui é a possibilidade de um ato de responsabilização por aquilo que é radicalmente impróprio e que, não obstante, nos concerne” (BARROS, 2014, pg. 33). Sendo assim, se na neurose há retificação da posição subjetiva frente ao gozo que é reconhecido como próprio, na psicose isso é impossível, uma vez que o gozo retorna sempre localizado no Outro, quer seja o Outro da linguagem ou o Outro do corpo.

O sujeito psicótico estaria assim, “mais perto do que realmente é a estrutura do ser falante como afetado pela linguagem” (DAFUNCHIO, 2008, pg. 66), ou seja, um corpo invadido por ela. De tal maneira que Lacan (2007) formula no seminário 23, que a verdadeira questão não é porque Joyce sentia que se lhe impunham certas falas, mas “como é que todos nós não sentimos que as falas das quais dependemos são, de algum modo, impostas?” (pg. 92). É nessa direção que Godoy (2012) destaca a fala de um paciente que diz que: “na puberdade começou a sentir uma sensação de infinitude e se dar conta de que a vida tinha milhões de matizes que ele não poderia abarcar” (pg. 164). Certamente esses matizes infinitos são sua maneira singular de nomear essa invasão do gozo do Outro.

Conforme destacado por Rômulo no eixo III de nossas jornadas, “O sexo nas psicoses”, é a incidência da significação fálica mediante a admissão do significante do Nome-do-Pai que distribui os falantes quanto ao drama do falo. Lacan (1999) na formulação de sua metáfora paterna aponta que o sujeito tomara do Outro certas insígnias a partir das quais faria a assunção ao tipo ideal do seu sexo. De entrada o sujeito tem um lugar no Desejo-do-Outro, de saída ele carrega um título no bolso, eis a constituição do fantasma que na neurose faria às vezes do instinto que falta. Dessa maneira, na psicose, onde o instinto sexual também falha, mas não contando com a função *standard* do fantasma, que arranjos tais sujeitos encontram para suprir a relação sexual que não há?

Levando em conta a indicição de Miller (2003) de que é preciso que o sujeito forje para si um *sinthoma* como invenção “da regra que lhe falta” (pg. 31), cabe ao analista acompanhar o sujeito psicótico nas invenções que ele é capaz de fazer pra sua inserção no laço social. O que por sua vez só pode ser feito caso a caso. Assim, apresento dois recortes que demonstram o drama próprio à psicose na constituição da vida sexual.

A paciente chega à análise mantendo relações com um homem que acusa de ser enganador. Predomina a forma de amar erotomaníaca onde precisa sempre que algo lhe faça signo de amor. Mas por não contar com uma posição fantasmática lhe era impossível consentir com ser tomada como objeto de desejo, restando-lhe apenas o lugar de abusada. Não havendo véu fálico que viesse em seu socorro em decorrência do buraco forclusivo, se via perseguida por um Outro mal e qualquer silêncio ou ausência era vivenciado como um transbordamento do real sobre o imaginário do corpo, experimentava uma sensação de despersonalização.

O paciente diz ter aprendido cedo como abordar as mulheres do jeito que elas gostam e narra uma série de comportamentos de um amigo da puberdade que passou a imitar. Assim, dá notícias de uma compensação imaginária do Édipo ausente, mas não sem restos. A identificação imaginária à esse amigo supre a falta de uma identificação sexualizada ao pai mas lhe deixa exposto ao gozo do Outro quando acusa certas “perversidades” da parceira e ao “empuxo à mulher” quando não sem muita angústia mantém relações sexuais com outros homens.

Conforme Dafuncho (2008), tomando-se a palavra, via privilegiada em uma análise, de certa maneira se introduz algo que não há na estrutura psíquica, a saber, certa mediação, “por isso o trabalho analítico é quase artesanal.” (pg. 204). No primeiro caso, a análise permite que a paciente se separe do parceiro em questão mediante a construção de uma suplência em outra área da vida o que a resguarda da devastação. Mas ela continua em análise numa espera assintótica “de conhecer alguém”. Momento do tratamento em que formulo a seguinte questão: não podendo contar senão com um delírio erotomaníaco que se apresenta sempre também em sua vertente persecutória, como ela poderia ir ao encontro de um homem? No segundo caso, a análise permite o sujeito tomar certa distância da posição de objeto à qual adere sem dialética. Mas fica a questão: como contornar os impasses na assunção de uma posição viril, uma vez que nas minúcias do cotidiano lhe é impossível se tomar por sujeito do ato?

Laurent em *Los inclasificables de la clínica psicoanalítica*, sugere uma revisão acerca da posição do analista no tratamento da psicose e propõe que sejamos mais ativos. Ele sublinha que é necessária uma vontade de ferro para não recuar e fazer-se destinatário dos signos ínfimos do paciente, “não olhar para o lado, não abandonar, e seguir até que o outro cuspa o pedaço” (MILLER, 2005, pg. 341). Sigo me prestando à destinatário destes signos ínfimos na aposta de melhores suplências apesar dos impossíveis que a experiência forclusiva destes sujeitos colocam em cena.

Referências Bibliográficas

BARROS, M. **Intervenção sobre o Nome-do-Pai**. Goiânia: Ares, 2014.

DAFUNCHIO, N. S. **Confines de las psicosis**. Buenos Aires: Del Bucle, 2008.

GODOY, C. **Psicosis y sexuacion**. In SCHEJTMAN, F. (Org.) *Elaboraciones lacanianas sobre las psicosis*. Buenos Aires: Grama Ediciones, 2012

LACAN, J. **O seminário, livro 23: o sinthoma**. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

LACAN, Jacques. **O Seminário, livro 5: as formações do inconsciente**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1999.

MILLER, J. A. arte do diagnóstico: o rouxinol de Lacan. **Carta de São Paulo**, São Paulo, EBP-SP, v. 10, n. 5, p.18-32, 2003.

MILLER, J. A. **Los inclasificables de la clínica psicoanalítica**. Buenos Aires: Paidós, 2005.

MESAS SIMULTÂNEAS
MESA 7 - A SEXUAÇÃO X A SUSTENTA-
ÇÃO DE UM
CORPO PELA PARCERIA SEXUAL

Coordenação – Waléria Paixão

UM ABISMO RADICAL

Denizye Aleksandra Zacharias
(EBP/AMP)

O segredo é sagrado, mas não deixa de ser um pouco ridículo; seu exercício é furtivo e até clandestino e os adeptos não falam dele (BORGES, 2007, p. 158).

Jacques-Alain Miller, na contracapa do Seminário 19, *...ou pior*, introduz a questão em jogo, no que se refere ao encontro entre os seres falantes, com estas palavras de Lautréamont: “Encontro fortuito entre a máquina de costura e o guarda-chuva”. Com isso, ele quis dizer que no Inconsciente não se escreve para os seres falantes uma lei que ordene um saber a respeito do encontro entre o macho e a fêmea.

Com esse introito, sem detença, há no título do Seminário 19, *...ou pior*, as reticências enigmáticas que aludem ao ‘não há nada escrito aí’, marcando um lugar vazio. Esse lugar vazio encarna uma função fundamental na teoria lacaniana da sexualização, demonstrando *ab initio* a elaboração necessária para poder estabelecer o quadro das fórmulas da sexualização.

Esse lugar vazio nos fornece o lugar e a dimensão que nos permitirá, em seguida, escrever, nesse espaço vazio, uma variável, por exemplo, a variável “x”. E o fato de poder alojar uma variável em um lugar, é o que chamamos escrever uma função. E a variável vai sempre proceder de uma escritura que é para todo “x”. É isso, e nada mais, que chamamos de função. [...] Essa função na psicanálise é a função fálica que permite situar a significação (Bedeutung), ao mesmo tempo que coloca um limite pela castração (LA SAGNA, 2015, p. 115).

O que está na base da diferença dos sexos? Lacan vai demonstrá-lo por meio de duas afirmações:

- Não há relação sexual e
- Há-um (*Yad'lun*).

Contrapeso para o “não há relação sexual”, esse Há-um do gozo, categoria que se constrói fora da lógica da diferença, é UM do gozo, UM do gozo do corpo que funciona sem o outro recíproco e toca a diferença entre o Um e o Outro.

“A pergunta deve ser inteiramente reformulada a partir da função que se articula como Há-um [Yad’lun]” (LACAN, 1971-1972/2012, p. 184).

Lacan faz uma distinção importante entre o Um sozinho e o indivíduo, dizendo que Há-um não quer dizer que há o indivíduo, que é uma representação imaginária, o Um; porém, o Um como real encontra sua raiz somente na dimensão da existência matemática. Por isso, ele indica que quando trabalhamos com o conceito de função podemos dizer que a função fálica é uma função ao lado da qual, no lugar vazio $f(x)$, pode dizer-se em matemática que há um argumento que se satisfaça a uma fórmula. Um argumento que se escreve com a letra x , letra totalmente esvaziada de sentido.

Então, Lacan deduz que o x que se escreve como argumento da função fálica é um Um – uma letra.

Para a psicanálise,

trata-se da relação desse Um que tem de ser contado a mais com aquilo que – no que enuncio não como suplementado, mas como se manifestando num ponto do lugar da relação sexual – se especifica pelo existe, não ϕ de x , mas o dizer que esse ϕ de x não é a verdade (LACAN, 1971-1972/2012, p. 183).

O que Lacan quer dizer a partir da consideração do Um? O que ele extrai é a parte da fórmula da sexuação relativa à posição masculina, que ele escreve assim:

$$\exists x. \neg \Phi x$$

É uma existência cuja enunciação está ligada a um dizer não. Existe ao menos um que disse não, como Um sozinho, que disse não à função da castração.

Nesse pequeno ponto de *capiton*, nessa construção relativa à castração como função implica extrair todo o essencialismo a nível sexual e extrair também a questão relativa ao sexual em relação ao órgão masculino enquanto tal.

Seguindo a linha da existência, do lado feminino, Lacan escreve que não existe Um x para dizer não à castração. Desse lado, escreve-se que não existe um x que negue a função $\neg \exists \neg \Phi x$, o qual implica a não exceção. Assim, não se escreve, portanto, a borda do conjunto. As mulheres não se escrevem em um conjunto de um todo fálico.

A negação da existência que nega a existência do lado feminino implica que no lugar do x que existe não encontramos o nada, há um vazio, uma ausência de qualquer Um enquanto $\exists x$ que negue a função fálica.

Desse modo, do lado feminino é não-todo, escreve-se a função fálica $\neg \exists x$. Há aí uma complexidade, pois o desejo é relativo à função fálica, enquanto o gozo é suplementar, indicando a não complementaridade.

Assim, o gozo feminino tem a ver com o gozo fálico, ou seja, semantiza-se graças à função fálica no inconsciente como sentido sexual. Porém, Lacan indica que há outro gozo fora da linguagem mais além da função fálica, do qual não se pode dizer nada sobre ele.

Lacan vai ordenando tais elementos nesse seminário para ir trazendo a diferença sexual entre o homem e a mulher sobre “não há relação sexual”. É a partir do zero e do Um que ele funda essa diferença. Essa lógica será por ele usada posteriormente para a construção do sinthoma, afirmando que quando se escreve o sinthoma, cria-se o furo, ou seja, ao se escrever o sinthoma, cria-se o zero e o Um é um equívoco. Por quê? Por não ser Um em si mesmo, não se escreve como a lógica proposicional $A=B$. O Um é a letra que é sempre equívoca, de modo que a letra funda toda a cadeia significante.

A letra seria o começo de toda a entrada no simbólico e sempre é equívoco por não ser igual a si mesma. Ao se escrever Há-um, também se funda não há.

Como Um funda a “não relação sexual”, será a partir disso o modo como cada ser falante se escreve do lado todo e do lado não-todo, o que já é uma resposta à “não relação sexual”.

“A sexuação põe em jogo a insondável decisão do ser que implica a subjetivação do modo de gozar” (FONTE, 2015, p. 147).

Como cada um logra escrever, não se sabe. Todas as eleições são enigmáticas para os falasseres porque não há causa. Parafraseando Miller (1999), é por haver uma pertinência essencial entre o sexual e o segredo que o “mais, ainda” se aplica a essa busca.

Referências Bibliográficas:

- BORGES, Jorge Luis. A seita da fênix. In: BORGES, Jorge Luis. *Ficções*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. p. 156-159.
- FONTE, Rosane. Ressonâncias... In: GORSKI, Glacy Gonzales; SOTA FUENTES, Maria Josefina (Orgs.). *Leituras do Seminário ...ou pior de Jacques Lacan*. Salvador: Escola Brasileira de Psicanálise, 2015. p. 147-150.
- LACAN, Jacques. Na base da diferença dos sexos. In: LACAN, Jacques. *O seminário, livro 19: ...ou pior*. (1971-1972) Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2012. p. 173-184.
- LA SAGNA, Philippe. Introdução ao Seminário 19. In: GORSKI, Glacy Gonzales; SOTA FUENTES, Maria Josefina (Orgs.). *Leituras do Seminário ...ou pior de Jacques Lacan*. Salvador: Escola Brasileira de Psicanálise, 2015. p. 113-116.
- MILLER, Jacques-Alain. O coito enigmatizado. Uma leitura de “A seita da Fênix” de Borges. *Opção Lacaniana online*, São Paulo, n. 3, p. 1-15, s/d. Disponível em: <http://www.opcaolacaniana.com.br/antigos/n3/pdf/ensaio/JAMCoito.pdf>. 1999

MESAS SIMULTÂNEAS

MESA 8 - O GOZO FEMININO BEM DITO

Coordenação – Carla Serles (EBP/AMP)

SEXUAÇÃO E O GOZO FEMININO - NA MULHER

Ceres Rúbio

Lacan se pergunta em ... ou pior, onde está a mulher? Responde, a mulher está entre o centro da função fálica da qual participa no amor e... a ausência.

A sexuação é uma atribuição que vem do campo do Outro e que requer um consentimento ou não do sujeito para ser efetivada, por isso, é considerada uma operação simbólica. Entretanto, a causa da sexuação e a diferença entre os sexos não pode ser respondida por essa operação simbólica, suas raízes estão no enigma do real (BASSOLS, 2021, p.409), a eleição do sexo é uma eleição de gozo.

O significante fálico é o único símbolo no inconsciente freudiano que atende aos dois sexos, desnaturalizando a relação do falasser com a sexualidade, porque está inserido no campo do Outro, da cultura, do simbólico. Uma sexualidade não atrelada a diferença biológica e sim diante da percepção da castração materna, e da relação com esse Outro.

Em uma lógica binária as posições e relações entre os sexos gravitam “em torno de ser (o falo) e de ter (o falo)”. O masculino por um lado, protegerá o *ter para continuar a ilusão de ser assim para o Outro* e, por outro lado, o feminino usará de máscaras para parecer ser o falo, que falta ao Outro (IDEM, p. 411). Entretanto, Lacan foi além da lógica binária fálica para responder sobre a posição feminina, que introduz uma dissimetria e não reciprocidade entre os sexos, em função da inexistência de um significante que nomeasse o que é A mulher, para além do lugar de causa de desejo e da figura da mãe.

Foi preciso uma nova lógica a partir das fórmulas da sexuação para dar conta da questão do ser sexuado, apontando para a existência do real, do gozo feminino e da *não-relação sexual*. Lacan mantém o binarismo, mas apresenta quatro modos de identificação sexual, quatro modos de gozo que se dividem no gozo fálico e no *não-todo*. A partir dessa elaboração constatou-se que a identificação de gênero, só é possível na posição feminina, onde se localiza o gozo feminino, lugar da exceção, da diferença, do sem regras, onde se faz obstáculo a lógica fálica dos universais e impera o *não-todo*, o um por um.

A partir do Seminário XVIII e no O aturdito Lacan elabora mais precisamente sobre a existência do real, do gozo feminino. Concebendo o gozo feminino como o *regime do gozo como tal, que é não-edipiano, é concebido como subtraído de, fora da maquinaria do Édipo* (MILLER, 2011, p. 45). Miller conclui, o gozo feminino é o gozo reduzido ao acontecimento de corpo.

Ele seria o gozo próprio à mulher, por um lado, uma parte, é um gozo não simbolizável, indizível, que tem afinidades com o infinito, que é puro acontecimento de corpo e não é suscetível a uma negatização com o significante, assim, não suscetível a castração e por outro lado, uma parte do qual se concede que obedece ao regime da castração, e que cede a uma representação linguageira. O mistério do gozo feminino estaria situado no lado do gozo que escapa a castração (MILLER, 2011, p.48).

Em “O Ser e o Um” Miller traz a experiência analítica como meio que se poderia constatar o real, ao mesmo tempo em que ele resiste ao ato analítico. Aceitar a experiência analítica viria quando algo escapa àquilo que é da ordem da identificação, quando não se reconhece, quando algo aparece estranho, sem simbolização, “*fora de mim*”, diria uma paciente, fora daquilo que ela reconhece. O real que se aponta não se reconhece na ordem da essência, não é do ser social, do semelhante, é da ordem da existência. O real se impõe pela via do gozo feminino, *um gozo como tal*.

Esse gozo, naquilo que é do indizível, estaria alí constatado na mulher que chega ao consultório nas suas angústias que lhe agita, nas suas dores no corpo, seu não dizer “*não sei explicar*”, “*estou passando mal*”, “*uma coisa no corpo que não cessa*”, seus tropeços, o sintoma aparece como um *acontecimento de corpo, efeitos de gozo*, fora do sentido. Em uma tentativa do bem dizer, do que podem dizer, falam dos filhos em uma posição materna, ou dizem do amor, de ter perdido ou de desejar ser o amor de alguém, ser causa de desejo, lugares fálicos, a parte do gozo que é cernido pela linguagem. O aforisma “*A mulher não existe*” aponta a impossibilidade de pensar o feminino como universal e a necessidade lógica de considera-lo na singularidade de cada mulher, no uma a uma (BASSOLS, 2017, p.15). Bassols, recorda Lacan em “*Lituraterre*” para uma localização para o feminino “*entre centro e ausência*”.

Fuentes (2021,p.371), traz o testemunho de Catherine Millot em uma experiência de gozo *não-todo* vivida aos 6 anos citada em seu livro *Abismes ordinaires*, onde se pode constatar que o real é prévio a defesa.

”...tinha chegado em Budapeste aquela manhã ... me pediram para ir buscar algo lá embaixo. Naquela escada desconhecida, de repente, o mundo se esvaziou. Em um instante tornou-se um deserto. Nada na frente, nada atrás, sem pais, ninguém. Por alguns segundos, eu fiquei sozinha, absolutamente. ...uma pura mancha de existência na escada vazia sem nada por perto, isso é inesquecível.”

Na experiência de gozo o sujeito está ausente, está no plano da existência, de um real que irrompe no corpo em uma experiência de vazio, de solidão real. “*O ser sexuado dessas mulheres não-todas não passa pelo corpo, mas pelo que resulta de uma exigência lógica na fala*” (LACAN,1985, p.19). A linguagem que está fora do corpo e o agita, encarna o Outro e assim, como ser sexuado, exige esse uma a uma, e que ela seja *Outro para si mesma*. Um falasser parceiro de seu sinthoma.

Referências Bibliográficas:

- BASSOLS, M. Fundamentos de la sexuación em Laca. In.: Lacan Hispanico. Buenos Aires: Ed. Grama ediciones, 2021.
- BASSOLS, M. Lo feminino, entre centro y ausência. Grama Ediciones, Buenos Aires, 2017.
- FUENTES, A. La sexuación em la nina. In.: Lacan Hispanico. Buenos Aires, Ed. Grama ediciones, 2021.
- LACAN, J. Mais, ainda. Seminário livro 20. Zahar Editora, Rio de Janeiro, 1985.
- LACAN, J. ...Ou o pior. Seminário livro 19. Zahar Editora, Rio de Janeiro, 2012.
- MILLER, J. A. O ser e o um. Orientação lacaniana III, 13. Março de 2011.

BEM DIZER O FEMININO: DO QUE EX-SISTE NO CORPO

Delza Eloy de Santana Gonçalves

“O excesso de mim chega a doer
e quando estou excessiva
tenho que dar de mim como o leite
que se não fluir rebenta o seio”
(Lispector, 2019)

A psicanálise nos convoca a experimentar na carne suas postulações. E é, igualmente, da carne que um saber sobre o humano pode ser extraído e formulado. No entanto, Lacan nos desperta para o que é anterior a qualquer formulação, para o saber de *lalangue*, que assovia aquém das peripécias da linguagem. Onde fomos afetados, fissurados, e não há conhecimento que liquide esse mal-estar. Nos cabe, então, *savoir-faire* com isso.

O que ex-siste no corpo é o êxtimo, neologismo lacaniano para se referir ao que há de mais íntimo e, por outra face, externo, por permanecer fora do campo simbólico. O resto que escapa do banho de linguagem, por isso se conserva estranho (Gonçalves, 2014). Estranho, mas tão familiar que podemos cerni-lo no âmago do ser.

Ao construir a tabela da sexuação, Lacan (1972-3) faz a distinção entre o gozo masculino e o gozo feminino e, ressalva, isso não se restringe ao sexo biológico: “*o homem, uma mulher, não são nada mais que significantes*” (p.45). Logo, feminino é um modo de gozo suplementar. Falamos de um *mais, ainda*, um gozo que se abre ao infinito, além dos contornos precisos do falo. “*Esse gozo que se experimenta e do qual não se sabe nada, não é ele o que nos coloca na via da ex-sistência?*” (Lacan, 1972-3, p.82).

Lacan (1972-3) aproxima o feminino e o místico, a dimensão do inefável que escapa à inscrição de um significante que lhe contenha, portanto, ex-siste aos discursos e só pode ser *nãotodo* apreendido, Um a Um. Assim como A mulher, não há significante que a vista toda, tampouco à todas. Nessa perspectiva, Brousse (2019) distingue o real do corpo do corpo enquanto semblante, “*a carne humana não tem identidade*” (p.27). Podemos dizer de um corpo de fêmea, um corpo capaz de gerar um filho; mas, o corpo da mulher, isso não há signo que o contemple, senão pela via do discurso, e esse, por sua vez, é plural e mutável.

Para seguir, trago trechos de “O Leopardo é um animal delicado” (1998), de Marina Colasanti, com suas letras enredadas à erótica e ao desencontro próprio dos sexos. Escolho esse conto porque ele nos dá o retrato de um corpo feminino, enquanto discurso, e também anuncia algo do gozo feminino, que pode tomar o corpo de uma mulher. Proponho uma discriminação forçada, haja vista que os três registros – real, simbólico e imaginário – formam um cruzamento indissociável.

Colasanti descreve a cena de uma mulher em seus afazeres domésticos, quando é surpreendida pela chegada de um evento na cidade interiorana onde vive. *“O pensamento deslizou sem ruptura para o seu armário, escolhendo mentalmente a roupa que ia usar, o vestido vermelho de bolinhas, porque tinha um jeito de seda e uma saia godê que lhe acariciaria as coxas quando andasse sobre os saltos altos em meio aos sons e à gente toda”* (p.82).

No fragmento acima, apanhamos traços do feminino em nossa geografia – o vestido, as coxas, o salto alto. *“[...] Aproveitou para passar esmalte nas unhas, de pé sob a luz forte do espelho”* (p. 83). Sublinho o fundo misterioso que permeia a narrativa e marca a mulher como aquela que esconde algo por trás do que mostra. O que, apesar da “luz forte”, permanece velado, convoca a interrogação freudiana: o que quer uma mulher? Laurent (2012) discorre sobre o silêncio que se instala nessa questão. O falo fala, as mulheres calam. Ao que não é descritível do gozo feminino resta si-escrever, letra artesanal, inventada, que só se lê sob a “luz forte” da singularidade e, ainda assim, diz não tudo.

O conto desenha a busca da personagem por um encontro sexual, por um deleite que fosse capaz de tirá-la da apatia cotidiana. A apreensão lacaniana de um gozo não localizado, que transborda, refere-se a um acontecimento de corpo que pode desaguar tanto em estrago, o que Lacan nomeia devastação, quanto no deslumbramento, como narrado nesse trecho:

“Sentindo que na boca o céu se abria, permitindo que perfumes e sabores lhe invadissem a cabeça. Era fogo sobre a língua. E a língua se inundou para recebê-lo. O fino punhal da pimenta rasgou-lhe o nariz. A cor o aroma a queimadura daquela comida deslizaram garganta abaixo abrasando-lhe o corpo” (p. 85). Aqui as fronteiras entre dentro e fora tornam-se evanescidas. Com o codinome Leopardo, Colasanti circunda o inominável que ex-siste no gozo da personagem. Tão quanto delicado, o Leopardo é um animal visceral.

“Senti as unhas viscosas, olhou os dedos tingidos de vermelho, podia ser sangue, podia ser a luz [...]. Limpou os dedos no vestido, ajeitou os cabelos com as costas da mão. Só então percebeu que tinha esquecido as sandálias” (p.89). O conto é finalizado nesse ponto, e eu também concluo, assinalando que um corpo de mulher goza no eco dos significantes que lhe fazem marca. Mas não só, pois lá antes da palavra fazer significância, há vestígios de uma pulsão que insiste e não cessa de não se escrever. Falamos do real, e “o real é o mistério do corpo falante, é o mistério do inconsciente” (Lacan, 1972-3, p.140).

Uma mulher pode ex-sistir, tornando-se, fazendo-se, nas sutilezas de seu próprio timbre. “Estou me criando. Dói. Mas é dor de parto” (Lispector, 2019). Bem dizer o feminino é transformar o silêncio da mudez em intervalos de escansão que possibilitam compor uma canção-corpo, como metaforiza Lacan ao falar do litoral, onde a imensidão do mar encontra alguma borda, não para conter sua potência, mas para possibilitar laços. Feminino é mistério. Ser mulher é invenção.

MESAS SIMULTÂNEAS

MESA 9 - OS IMPASSES DA SEXUAÇÃO

Coordenação - Giovanna Quaglia (EBP/AMP)

SEMBLANTES E O NÃO-TODA.

Adriana Gomes Pessoa

Miller inicia o artigo *Mulheres e Semblantes I*¹, com a questão se existe uma afinidade especial entre *Mulheres* e *Semblantes*. Contudo, para responder ele afirma:

“Talvez seja mais esclarecedor tomar o avesso desse tema que nos é dado, pois efetivamente ele existe; observamos, nas mulheres, um ódio muito especial ao semblante.”

Semblantes? São os que têm a função de velar o nada, numa função de ficção, afirma Miller. “O semblante consiste em fazer crer que há algo ali onde não há”. Por isso a fórmula ‘não há relação sexual’ implica que, no nível do real, só há semblantes, não há relação.²

As mulheres referindo-se as fórmulas da sexuação, se situam em parte submetidas a lógica fálica, e parte não – toda. Miller³ afirma, que no lugar supostamente ocupado pela mulher encontra-se o vazio. Um vazio ocupado pelos semblantes, pelas máscaras, “máscaras do nada.” Há uma aproximação dos semblantes com o feminino no que diz da lógica das fórmulas da sexuação para além do falo.

Diante da insuficiência do semblante do Pai, em responder as questões das diferenças do significante do sexual homem ou mulher, Lacan introduz a clínica do sinthoma. Clínica borromeana, da dimensão do gozo do corpo, cujo paradigma se sustenta na experiência e no encontro com o real, na dimensão do ter. O corpo se torna uma substância gozante para além da dialética imaginária do falo. O corpo como mais estranho e, ao mesmo tempo, de mais particular ao sujeito, e seu modo de gozo, “localizado” fora da linguagem.

No Seminário 20, Lacan apresenta uma figura cujos vértices são RSI, numa equivalência do real, simbólico e imaginário. Nesta figura ele também situa o semblante sobre o que se dirige do simbólico ao real. Ou seja, partindo em busca do real o simbólico se depara com o semblante. No Seminário 19 Lacan havia postulado o semblante como sendo a possibilidade de lidar com o real do sexo, com o que escapa da linguagem do registro simbólico – o gozo. Afirma Lacan⁴ que “o gozo só se interpela, só se evoca, só se suprema, só se elabora a partir de um semblante, de uma aparência.” E, a oposição entre semblante e real é o cerne para a psicanálise.

Nesta oposição podemos situar a relação das mulheres com os semblantes. Algo do semblante falha na missão impossível de abordar o real. E o que ocorre do lado das mulheres,

na posição feminina é que estas se deparam com uma relação mais próxima com o nada. Não há nada que diga da mulher, estando assim mais próximas do real. Como Miller diz são “mais amigas do real” e com isto não se prestam facilmente a substituição pelos semblantes. “A verdadeira lógica da posição feminina é denunciar os semblantes⁵”

Faço aqui um recorte de um caso clínico de M., 32 anos. Na primeira entrevista traz a queixa de uma dor de cabeça recorrente, e uma fobia desde menina de aranhas. Na segunda entrevista diz que vai me contar coisas que até hoje nunca disse a ninguém. Mantém há 04 anos um relacionamento com seu chefe que provoca suas insônias. Se sente culpada, mas ao mesmo tempo não consegue se afastar do mesmo. “Sexualmente ele a satisfaz muito e se sente muito atraída por ele.” Seu marido, foi primeiro namorado de adolescência, cuida muito da mesma, a protege, mas a vida sexual no casamento está “parada”. O marido segundo M. mantém-se afastado também, apesar de terem uma relação de muito companheirismo. O chefe que chamarei de P, diferente do marido, se coloca como um homem de iniciativas, e que com ela assume a postura de cobranças inclusive de que ela seja mais rápida, mais atenta etc.. A esposa de P é uma mulher de posses, e segundo ela o casamento de seu parceiro não é bom. Se por um lado M. diz não conseguir “se pensar” longe de P, também acha que não seria bom, nem conseguiria se casar com ele por vários motivos. Encontra-se ainda noutro dilema: pensa em engravidar, mas para isto teria que romper com P o que ela não quer.

No avanço dos atendimentos, M se mostra como seu amante a define. Destituída de saber, sem conseguir se expressar ou se posicionar, emburra a cara quando criticada. Profissionalmente, não almeja crescimento, prefere ficar como está no trabalho. A maternidade aos poucos vai surgindo como algo de temor. No semblante da emburrada e destituída, mantém todo um interesse que vai se desvelando pela esposa do seu amante. Uma mulher bem sucedida, e que tem P como marido. Encontra com a mesma em eventos sociais e ficam muitas vezes juntos e M permanece vidrada na mesma: A MULHER. Em seus revestimentos de destituída, e apresentado- os ao analista, mantém-se enredada nestes relacionamentos como lugar de impotência, de destituída seja na relação com (o casal), seja ao lado do marido num semblante mor se assim posso dizer: “destituída”

No seminário 18 Lacan articula a relação do semblante com o discurso e o situa na dimensão da relação homem e mulher. Semblante como o que tenta dar conta do insuportável da disjunção entre homens e mulheres. Um recurso para operar com a ausência da relação sexual, do real em jogo. No avanço de seu último ensino Lacan introduz o parceiro-sinthome. Segundo Tendlarz⁶:

O percurso pertinente aos jogos de semblantes da dialética fálica não desaparece, mas adquire uma nova significação a partir dos elementos teóricos que Lacan introduz em seguida. O falo é definido, então, como “o gozo sexual, na medida em que está coordenado com um semblante, é solidário de um semblante.”

Na atualidade, o contexto social nos coloca diante de uma diversidade sobre as diferenças sexuais, e nisto se constituem novas parcerias- sinthomas e de semblantes como seres falantes.

Não temos como prescindir dos semblantes. Condensado a escrita de Romildo Rego⁷: “(...) No caso da parceria sexual, o próprio termo parceria, contém a ideia de parte, ou de parcialização, os semblantes recobrem a impossibilidade de que os parceiros se completem. Ou seja, se a parceria é necessariamente um conjunto de partes, se compõem de alguma forma uma unidade, está em contradição com a separação, que está implícita no próprio termo sexo, ou sexual.”

Para a psicanálise, hoje mais ainda, fica a tarefa de se deparar com o real que nos interpela, e que faz vacilar os semblantes que ordenam laço social comparecendo no real do sexo.

Referências Bibliográficas:

- ¹ MILLER, J.A. in : Opção lacaniana on line. Ano1. Nº1. Março2010.
- ² _____ Opção lacaniana on line. Ano 1. Nº1. Março 2010.
- ³ _____ Opção lacaniannaon line. Ano1. Nº1. Março 2010.
- ⁴ LACAN, J. Seminário 20: Mais ainda. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Ed.1985
- ⁵ MILLER, J.A. De la natureza de los semblantes. Buenos Aires. Paidós.2002.
- ⁶ TENDLARZ, S. As mulheres entre o amor, semblante e sinthoma. Arteira. Revisão da psicanálise 5. Florianopolis.2013.
- ⁷ REGO, R do R. O semblante permite a parceria . Latusa .Rio de Janeiro. nº13, 2008.

A ADOLESCÊNCIA E OS IMPASSES NA ELEIÇÃO DO SEXO: O QUE EU INVENTO PARA AQUILO QUE EU NÃO POSSO DIZER?

Luciana da Silva Pedron

Já sabemos que o mundo mudou, não há uma verdade que seja única, um saber que seja universalizado, tampouco um padrão que sirva para todos.

Não há um sentido predefinido, um caminho certo ou errado a seguir, ao contrário, estamos no momento em que o laço social está para além do sentido. Forbes (2012 p. 131) esclarece que *“o mundo globalizado é um mundo de prevalência do significante sobre o significado, em que há mais imagens e estímulos do que interpretações padronizadas para eles. Essa é a mudança que esse mundo representa: ele excede o sentido (edípico).”*

Se o mundo atual excede o sentido edípico, cada vez mais, na clínica com os adolescentes, nos perguntamos como escutá-los, como estarmos à altura de “seu tempo”?

Esse “novo mundo”, também exige novos paradigmas clínicos, como escutar os adolescentes na clínica do *parlêtre*? Da palavra que se encrusta no corpo, como uma expressão de satisfação mais ligada a pulsão do que ao sentido.

No texto o real do sexo na adolescência, publicado no Boletim Arranjos 6, trago alguns questionamentos sobre a clínica com os adolescentes, hoje. Muitos, não se nomeiam como menino ou menina, como homem ou mulher. Dizer-se menino ou menina parece desrespeitoso diante das diferentes formas de “ser” adolescente. Estes, utilizam-se dos pronomes neutros, falam sobre “gênero fluido”, pansexualidade, assexualidade, etc.

Como sabemos, não há naturalidade na sexualidade humana, ela é atravessada pela linguagem, pelo inconsciente e justamente por isso não falamos em sexualidade “normal ou patológica”. Segundo Brousse (2019) algo da diferença sexual escapa, constituindo-se em um real impossível de simbolizar e é diante desse impossível de dizer que cada um irá construir sua fantasia, sua ficção. Logo, não se trata de uma questão anatômica, de ser XX ou XY, são diversas as combinações possíveis.

Mas, como escolher seu lugar mediante às mais diversas opções? Sou homem? Sou mulher? Sou trans, cis, etc?

Mais do que “escolher” ou se identificar com uma nomeação, “sou isso ou aquilo”, “sou isso e aquilo” ou até mesmo não escolher, seriam essas novas formas de recobrir o encontro com o real do sexo? Uma busca por significantizar o inominável? Todos esses nomes possíveis parecem indicar uma resposta ao encontro com um impossível: o real do sexo.

Parece-me importante investigar, com quais recursos os adolescentes atualmente contam para situá-los em relação à sua sexualidade e a seus modos de gozo.

Lanço mão de um fragmento clínico, uma adolescente de 13 anos que se diz homossexual, contudo, sua homossexualidade se resume a fazer grupo com as meninas, em se juntarem para falar “mal dos meninos”, dos “homens que não prestam”, e do quanto é insuportável estar perto deles, dos olhares para seus corpos adolescentes.

Essa suposta homossexualidade parece apontar para uma das formas contemporâneas de adiamento do encontro com o real do sexo, para não lidar com a diferença sexual, e com isso que faz furo na linguagem, que faz “trauma”. Seria, nesse caso, uma tentativa de suprimir a diferença entre os sexos, uma reivindicação viril?

Sobre isso, Santiago (2018) esclarece que a puberdade representa uma escansão sexual, um corte no desenvolvimento da personalidade:

“(...) quando a sexualidade tem início no período púbere, há uma supressão da diferença entre os sexos, a abolição das predisposições à posição feminina ou à posição masculina, o que implica consequências significativas para a sexualidade, que passa a incluir o outro sexo.”

Na série Heartstopper, da Netflix, três adolescentes, estão às voltas com as transformações da puberdade, seus corpos e seus lugares no Outro social. Charlie, um menino homossexual, Elle, uma menina transgênero e Nick, um menino que no desenrolar da série se nomeia bissexual, estes, atravessam verdadeiras estepes de “sem sentido” na busca de entreverem o amor, de encontrarem um saber que vá responder ao encontro sexual. Um professor, em particular, desempenha uma importante função para os jovens. Ele, funciona como aquele que coloca as perguntas, que não possui um saber pré-estabelecido e acolhe os adolescentes nos diversos momentos de isolamentos, angústias e dúvidas, consegue transmitir um desejo pela “vontade de viver”, exatamente como Freud (1910) nos ensinou, naquilo que concerne ser a tarefa dos educadores.

Embora os três se identifiquem com os significantes ofertados pela cultura, estão sem saber o que fazer diante do Outro sexo. Nada consegue recobrir o encontro com o real do sexo, que aparece sempre traumático. Não há objeto que responda ao ideal de satisfação, a linguagem faz furo e as consequências disso atravessam os adolescentes, que muitas vezes, não encontram palavras para dizerem desse real.

Recordo-me, por fim, de uma experiência de conversação com os adolescentes em conflito com a lei, estes, cumpriam medida socioeducativa por terem cometidos atos infracionais

tidos como de natureza grave. Depois de falarem das armas, da potência que elas pareciam “dar” a eles, do respeito que sentiam quando as seguravam e andavam pela comunidade, um deles, tatuado no braço com os dizeres, “*amor só de mãe*”, questiona: “*o que eu quero mesmo saber é como posso “chegar” numa menina, vocês podem me dizer?*”

Esses exemplos parecem demonstrar que as principais tarefas da “mais delicada das transições” continua sendo a de abandonar a posição infantil, a de encontrar um novo objeto de amor e novos modos de gozo. Indica, também, que se trata de um tempo lógico de elaborar o real das mudanças corporais no encontro com a puberdade, na relação com o próprio corpo e com o corpo do outro, e ainda, de confrontar o sujeito com a perda dos pais imaginários da infância, do corpo infantil e do faz-de-conta que já não vela mais a castração.

Na clínica do *parlêtre*, cabe a cada falasser, inventar novas soluções e se responsabilizar diante delas. Responsabilizar-se sobre a singularidade de seu próprio modo de gozo.

Referências bibliográficas:

BROUSSE, M-H. O buraco negro da diferença sexual. Cien Digital, n.23, Nov. 2019. Disponível em: <http://ciendigital.com.br/index.php/2019/11/17/o-buraco-negro-da-diferenca-sexual/>. Acesso em: 12/06/2022.

LACAN, J. O Seminário, livro 20: Mais, ainda (1972-1973). Rio de Janeiro: Zahar. 2008.

MILLER, J-A. “Em direção à adolescência”. Opção Lacaniana nº. 72. São Paulo: Eolia, 2016, p. 20-30.

FREUD, S. Breves escritos: contribuições para uma discussão acerca do suicídio. In S. Freud, Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, v. XI. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1910)

SANTIAGO, A.L. Apresentação do texto “Em direção à adolescência” de Jacques- Alain Miller. Cien Digital, n.19. Nov.2018. Disponível em: <https://ciendigital.com.br/index.php/2018/11/28/apresentacao-do-texto-em-direcao-a-adolescencia-de-jacques-alain-miller/>. Acesso em 30/06/2022.

PLENÁRIA 2

Coordenação – Romulo Ferreira da Silva (AMP-EBP/AMP)

A SEXUAÇÃO FEMININA E O GOZO ALUCINATÓRIO

Cristiano Alves Pimenta
(EBP/AMP)

EIXO I: FÓRMULAS DA SEXUAÇÃO

Gostaria de considerar algumas consequências para a sexualidade feminina da questão que Miller introduziu no último Congresso da AMP. Miller a apresentou sob a forma de pergunta: *“por que não dizer que a possibilidade do gozo alucinatório se inscreve no matema, na estrutura do gozo suplementar?”*.

O gozo na psicose

Sabemos que o psicótico em seu gozo se coloca como objeto de um Outro gozador, mas essa posição de gozo não é suportada por uma fantasia fundamental. Não há fantasia na psicose, salvo as fantasias propriamente psicóticas, chamadas por Maleval de “imagens indelévels”. Elas permitem uma “estabilização que fixa o gozo não falicizado do sujeito psicótico, liga o seu gozo a uma frase, extrai uma frágil imagem do eu e, no *après-coup* de seu surgimento, rege sua existência (p. 169)”. Nesse sentido, as fantasias na psicose visam “um esforço para deter a forclusão paterna” e fazem oposição à “falha da função fálica, visando fornecer-lhe um remédio” que apazigue a desregulação do gozo. Tais “amarrações não borromeanas”, no entanto, são frágeis:

“Quando falta o amarre em um fantasma neurótico que enlace o sujeito a um modo fixo de gozo, quando não está presente o enodamento operado pelo sintoma, então o *eu* pode ser sentido como algo inconsistente, postico, simulado, inclusive disperso, e com dificuldades para cobrir o vazio do sujeito” (p. 168).

O gozo no fantasma fundamental

O fantasma na neurose, por seu lado, (S/α), designa *uma fixação a um gozo negatizado pela castração*, o que permite ao gozo funcionar como causa de desejo. Lacan se dedicou a elaborar a estrutura moebiana do objeto α , que se constitui pelo corte, “separação”, de uma “mônada primitiva de gozo”. Por consequência, o objeto α tem uma estrutura de borda, bem delimitada, as chamadas zonas erógenas, lugar de *um gozo regulado e negativizado*, resultante do corte significativo, resultante da castração.

Assim, o gozo negativizado constitui a dimensão masculina do gozo, que Lacan localiza no lado esquerdo na sua tabela da sexuação.

O estatuto não negativizado do objeto na psicose

É claro que nada disso é encontrado na psicose. Tomemos a construção de Lacan sobre Schreber em seu ponto fundamental, o surgimento da intuição que lhe invade causando sua indignação de que seria belo ser uma mulher que: “quando sua transformação tiver sido concluída o ato de fecundação divina ocorrerá” (Lacan). No entanto, não se trata aqui de um gozo negativado pelo significante. O gozo de Schreber, ao contrário:

“tem de entrada a marca de uma desregulação do gozo, que abre as portas a um mais além do princípio de prazer e que situa o sujeito em posição de objeto submetido a um Outro gozador. Deste surgimento de um gozo invasivo, *não negativizado* se deduz uma falta de operatividade da função limitante do falo” (Maleval, p. 167).

Essa posição de “objeto” do gozo do Outro não deve ser lida como o gozo próprio ao objeto *a*. O psicótico é portador de um gozo que não passou pela separação, que não se constituiu propriamente como um “objeto”, que não se delimitou e jamais poderia se inserir num fantasma ou em qualquer um dos quatro discursos. O gozo na psicose diz respeito a uma peça solta, um real sem lei, desregulado, avesso à qualquer delimitação. Seu estatuto é similar ao do *sinthoma*, *o gozo não negativizado, que só pode se fazer presente lá onde a função negativadora do pai foi excluída*.

Neste sentido, o tratamento do psicótico é feito de invenções, arranjos, “amarrações não borromeanas”, que tentam produzir alguma delimitação ou regulação do gozo. Mas como esse gozo é não negativizável, tais amarrações são frágeis e, por assim dizer, imaginárias, como, por ex, amarrar gaze na cabeça para esta que esta não saia voando. A solução de Schreber, igualmente, é uma “amarração não borromeana” marcada pela fragilidade de uma estabilização de seu eu que não o protege da maldade do Outro gozador:

“já assinalamos que Schreber se rebela contra a ideia de ser uma mulher que é submetida ao coito. Este roteiro de feminização certamente vai dar certa consistência a seu eu, mas *disfarça muito pouco* a malignidade do Outro gozador de modo a tornar satisfatória a proteção que proporciona contra este” (Maleval, p. 168)

Estatuto do gozo feminino

O gozo feminino diz respeito a um corpo que, como o do psicótico, não é constituído por bordas delimitadas e localizadas. Cada parte está numa relação de continuidade com o próprio corpo e com a exterioridade, o corpo do parceiro. É isso que permite o poeta dizer que no amor “já confundimos tanto as nossas pernas...”. Esse corpo não pode ser representado por um círculo fechado que delimita um dentro e um fora, mas apenas um círculo pontilhado de modo que o gozo é sempre disperso.

No mesmo sentido, quando uma mulher na relação amorosa *está disposta a tudo, seja a dar tudo ou mesmo destruir tudo (Medeia)*, isso está de acordo com a lógica do “não-tudo”. “O não-tudo, diz Miller, quer dizer o sem limite”. Eis o que o vetor que se dirige ao $S(A/)$, que encontramos do lado direito da tabela da sexualização, nos presentifica.

Gozo feminino e gozo alucinatório

Portanto, o gozo feminino, tal como o gozo alucinatório, não diz respeito a uma posição de objeto que encontramos tipicamente no fantasma do neurótico, mas a um real sem lei, desregulado, avesso à qualquer delimitação. Seu estatuto de gozo não negativizado é totalmente afim tanto com a devastação quanto com o *sinthoma*.

Todavia, pensar a identidade do gozo psicótico com o gozo suplementar produz um questionamento sobre a *relação da mulher com o falo*. Lacan no Seminário 20 afirma que “A mulher tem relação com $S(A/)$, e já é nisso que ela se duplica, que ela não é toda, pois, por outro lado, ela pode ter relação com o Φ ”. (Lacan, Sem. 20, p. 87).

Neste sentido, a relação da mulher com o Φ não acabaria por ser lida como o que possibilita uma regulação do gozo feminino, como um anteparo que impede que uma mulher naufrague na devastação do seu gozo ilimitado? Se assim for, a relação da mulher com o falo funcionaria como uma negativização do gozo feminino. Por ter um pé no falo a mulher estaria salva da loucura.

Ora, contrária a essa leitura é a conclusão de que lá onde acontece o gozo feminino, o falo não pode intervir, pois ali reina a loucura. Seu tratamento equivale aos arranjos não borromeanos típicos nas psicoses? De todo modo, podemos concluir afirmando que toda função negativizadora do gozo pode ser vista como um semblante que vem dar consistência à fantasia de que o real sem lei do gozo poderia ser negativizado. Isso nos permite sonhar com a ideia de que não somos todos loucos.

Referências Bibliográficas:

- Lacan, J. *O Seminário, livro 20, Mais ainda*. Rio de Janeiro, Zahar,
Lacan, J. *Outros Escritos*. Rio de Janeiro, Zahar, 2003
Maleval, J- C.; *Coordenadas para la psicosis ordinaria*, Grama ediciones, 2020.
Miller, J.-A. *L'Un tout seul*. 2011, inédita.

TUTORIAL DE ACESSO SALAS SIMULTÂNEAS

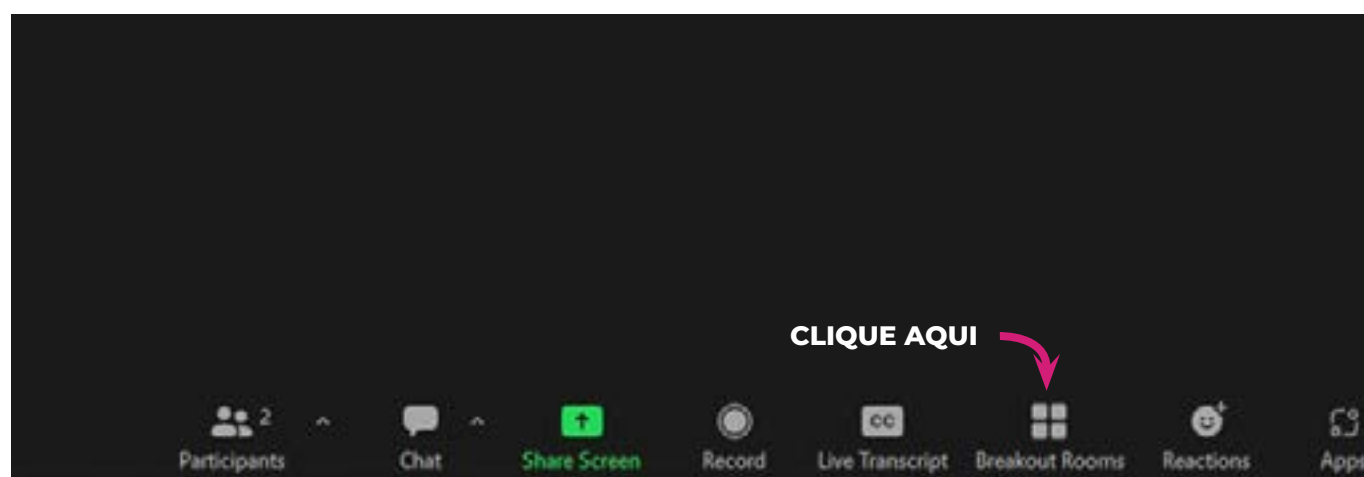
TUTORIAL DE ACESSO SALAS SIMULTÂNEAS

Nesta jornada, iremos utilizar uma funcionalidade do ZOOM para a realização das Salas Simultâneas. No tutorial a seguir, serão explicados os passos para a entrada e saída das salas.

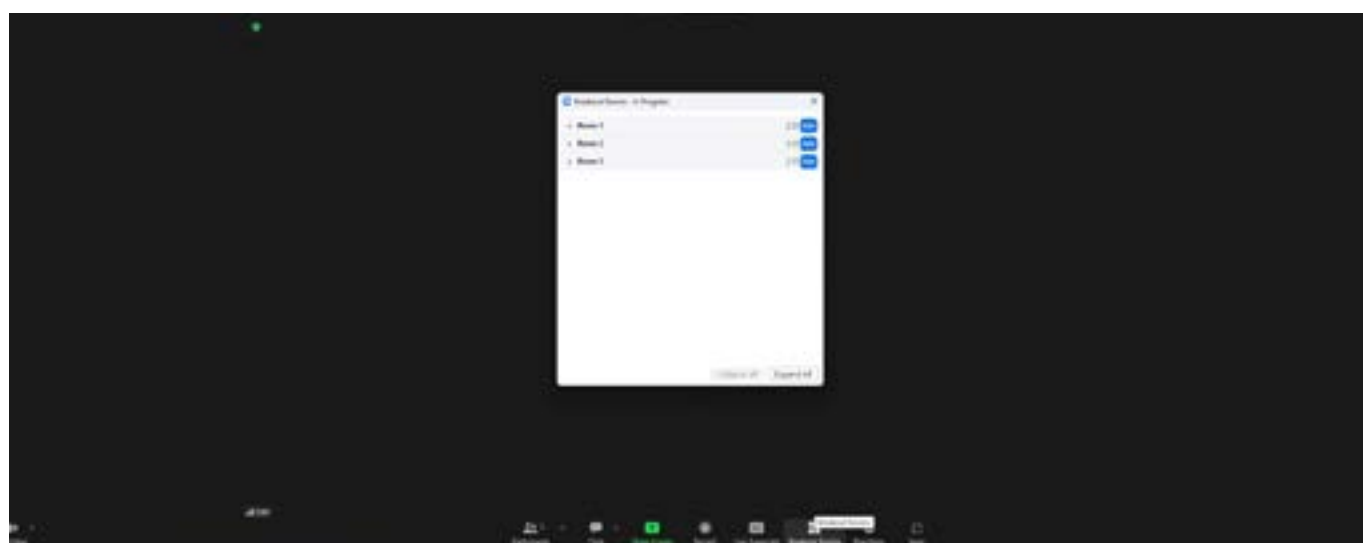
Durante toda a atividade, um integrante da Comissão de Infraestrutura estará disponível para dirimir eventuais dúvidas de como proceder.

Para melhor compreensão, faremos menção aos termos em inglês. Caso possua a versão em português, o entendimento é ainda mais fácil!

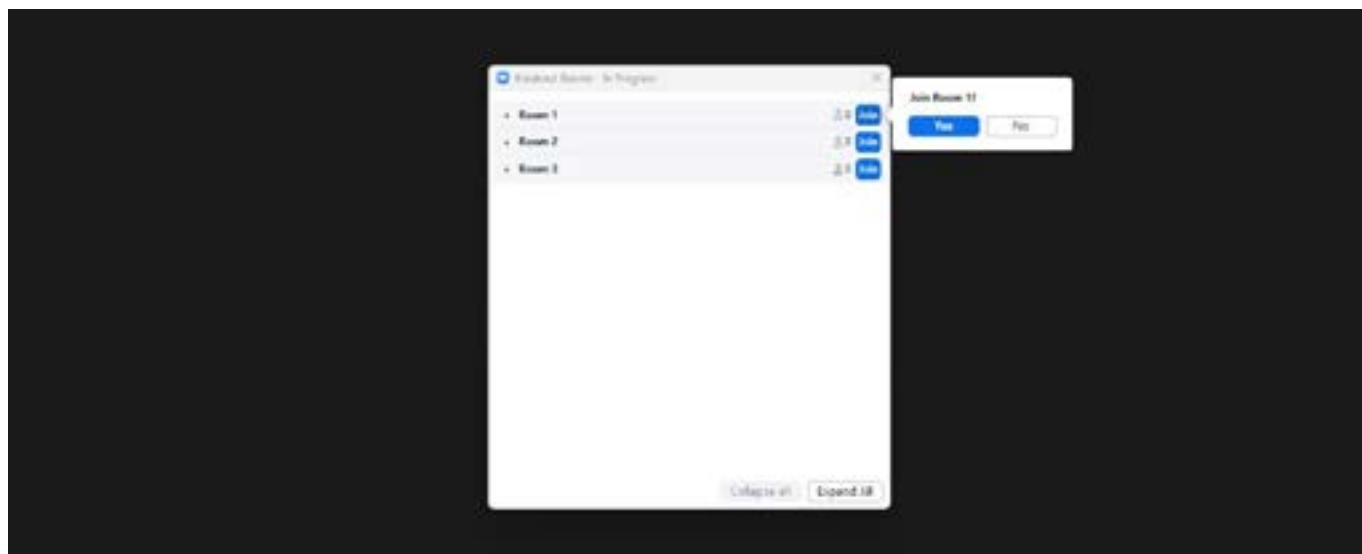
Ao ingressar na sala, na barra inferior de ícones, clique em BREAKOUT ROOMS.



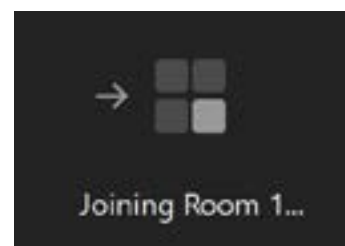
A janela com as salas simultâneas será aberta. Elas estarão nomeadas na sequência em que estão no programa (Mesa 1, Mesa2, Mesa2...).



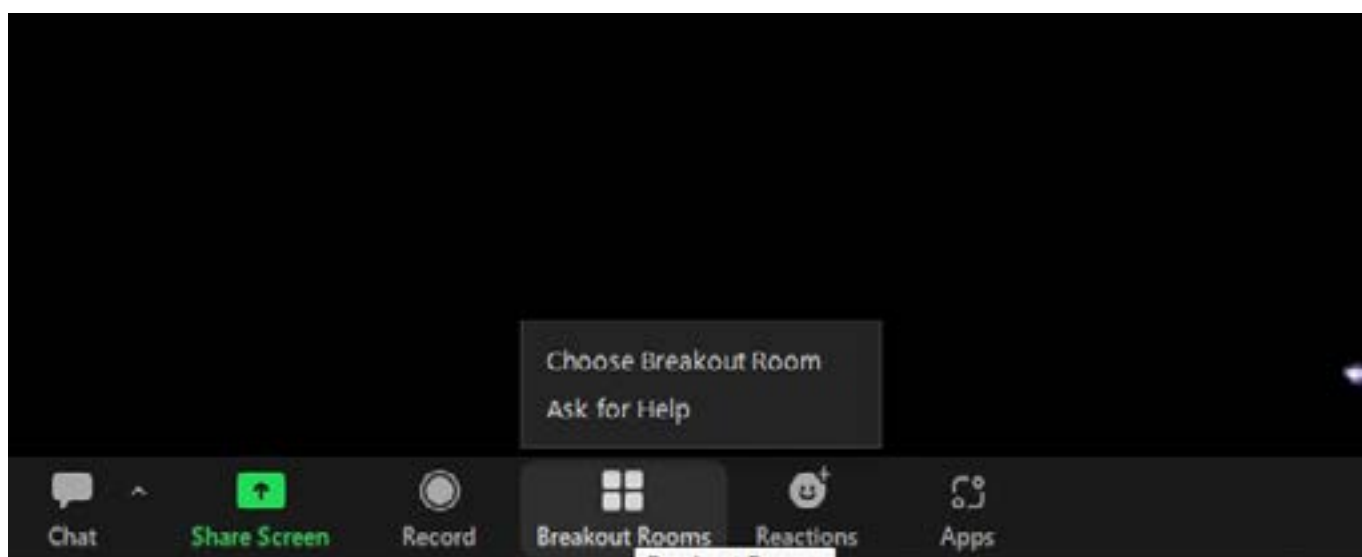
Você poderá participar da sala que desejar. Para isso, clique no botão AZUL (“JOIN”). Uma pequena janela com opções aparecerá. Clique em SIM (“YES”), ou em NO (“NÃO”) para escolher outra sala.



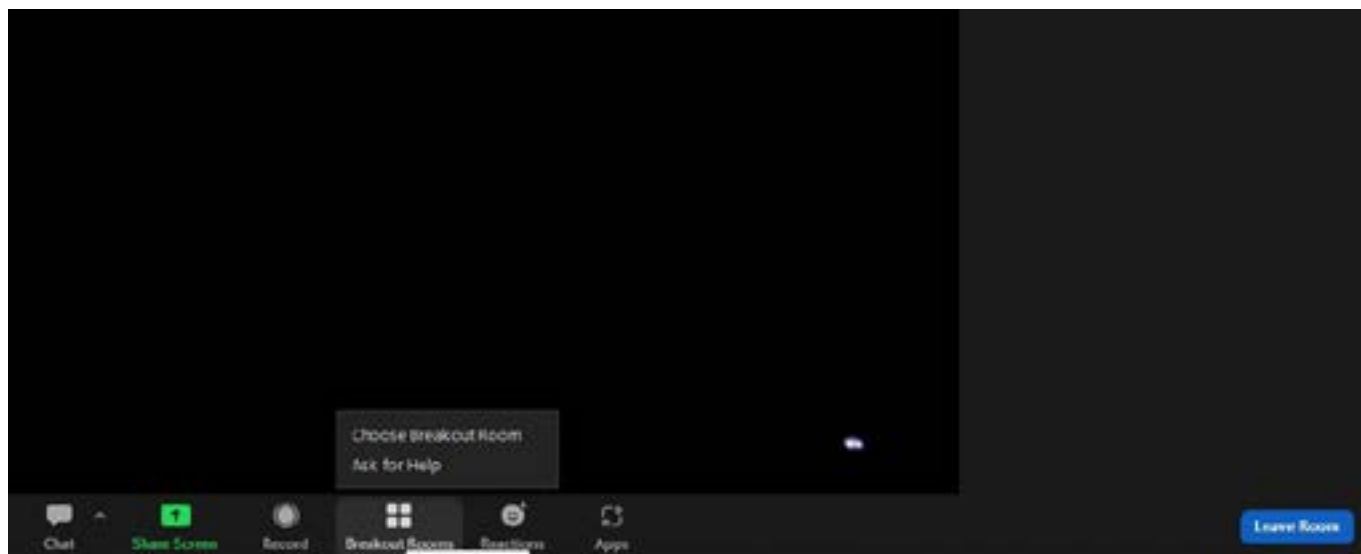
Ao clicar em SIM, um ícone com uma mensagem será mostrado em sua tela. Basta aguardar, você logo entrará na sala simultânea.



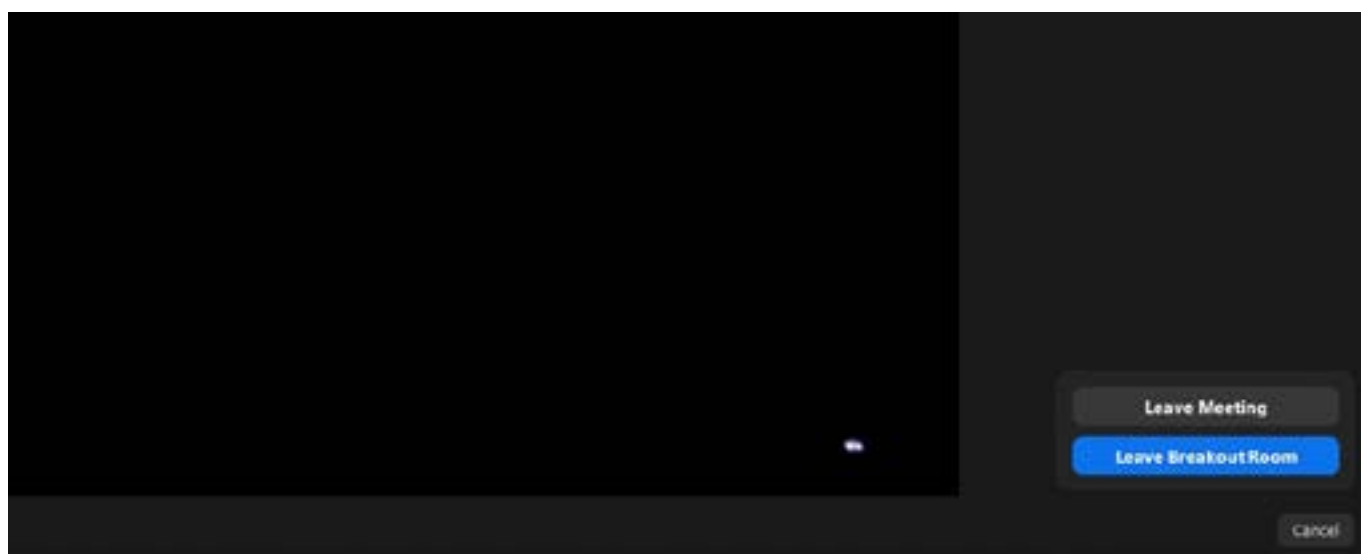
Enquanto estiver em uma Simultânea, você poderá sair e escolher outra sala. Para isso, clique em “BREAKOUT ROOMS”. Ao clicar no ícone, você poderá escolher outra sala (“CHOOSE BREAKOUT ROOMS”) e retornará à Janela onde estão listadas as salas disponíveis, ou poderá solicitar ajuda, clicando na opção “ASK FOR HELP”



É possível voltar à sala principal da reunião ZOOM a qualquer momento. Clique no botão azul, na porção direita inferior da sua tela (“LEAVE ROOM”), para voltar.



Ao clicar você terá disponível duas opções: LEAVE MEETING (para sair do Zoom) ou LEAVE BREAKOUT ROOM para voltar à reunião principal, onde poderá escolher e participar de outra sala ou aguardar o início de uma outra Simultânea.



Ao sair de uma simultânea para a sala principal, uma mensagem será mostrada indicando que você está sendo direcionado à reunião principal.

Lembre-se: durante toda a atividade, você poderá solicitar ajuda. Haverá sempre alguém disponível para tirar as suas dúvidas.

